

António Miguel Trigueiros

**A MUDANÇA MONETÁRIA
NA
EUROPA DO EURO
Reflexos de uma Transição**



**THE CASH CHANGEOVER
IN THE
EURO AREA
Effects of the transition**

Lisboa 2004

Separata da

Revista de História Económica e Social

N.º 7 – 2.ª Série / 1.º Semestre de 2004, pp. 9-66

ISEG, Direcção de Nuno Valério

ÍNDICE

Resumo – Abstract

1. Introdução

Apresentação
Objectivos
Definições, conceitos e nomenclatura
Algumas notas aos indicadores apresentados

2. A transição para o euro fiduciário em 2000

Escudo português	Florim holandês.
Peseta espanhola	Marco finlandês
Franco francês	Xelim austríaco
Libra irlandesa	O Marco alemão
Franco belga	Lira italiana
Franco luxemburguês	Dracma grega

Quadro I – A circulação monetária em 2000

3. A área do Euro em 2002

Portugal	Países Baixos
Espanha	Finlândia
França	Alemanha
Irlanda	Áustria
Bélgica	Itália
Luxemburgo	Grécia

Quadro II – A circulação monetária em 2002

4. Reflexos de uma transição

Meio circulante
Meios de pagamento
Um novo conceito de valor monetário

Quadro III – Variação da circulação monetária 2002/2000

Fontes

Resumo

A substituição integral das notas e das moedas metálicas dos doze Estados-membros da União Europeia integrantes da área do euro, constituiu uma oportunidade única de análise dos reajustamentos verificados nos diferentes meios circulantes nacionais com a passagem para o euro fiduciário. Neste estudo dá-se especial relevo à moeda metálica corrente emitida e em circulação, analisando-se individualmente cada um dos meios circulantes nacionais dos Doze e a sua contribuição para o total da área do euro em dois momentos específicos: 31 de Dezembro de 2000 (ano de referência para a transição monetária) e 31 de Dezembro de 2002 (ano de introdução das notas e moedas de euro).

Os principais indicadores analisados foram os índices *per capita* da moeda metálica corrente, em valor e em quantidade; o peso dessa moeda metálica na circulação monetária útil (aqui definida como o meio circulante líquido das moedas comemorativas correntes); a percentagem em valor dessa circulação monetária em função do PIB; e a contribuição nacional da circulação monetária e da moeda metálica corrente emitida por cada Estado para o total da área do euro.

Numa perspectiva global, a transição para o euro fiduciário originou uma contracção de 6,4% no valor da circulação monetária da área do euro, apresentando os seus reflexos mais acentuados na área da moeda metálica, que regrediu 22% em valor. Uma tendência contrariada apenas por quatro países (Portugal, Luxemburgo, Itália e Grécia), como resultado da substituição de sistemas monetários obsoletos. Em virtude dos elevados *stocks* estatísticos acumulados desde os primeiros anos de emissão, que em alguns países remontavam aos anos de 1940 e 1950, a massa metálica circulante em 2002 ficou drasticamente reduzida a um terço da quantidade contabilizada em 2000.

A contribuição nacional da emissão monetária de cada um dos Estados no primeiro ano de circulação das notas e moedas de euro, em análise comparativa com a sua contribuição para o PIB global dos Doze, revela algumas facetas ocultas nas diferentes dinâmicas emissoras, com dois países a sobressaírem claramente, muito embora de sinais contrários: a Espanha reforçou a sua agressividade emissora na área da moeda metálica, cuja contribuição quase que duplica a do seu PIB; e a França vê a sua contribuição para a circulação monetária comum reduzida a menos de metade da contribuição do seu PIB.

A transição para o euro fiduciário veio também demonstrar a evolução muito positiva dos mais modernos meios de pagamento «não numerário», designadamente os sistemas electrónicos e os débitos directos, que apenas afectam de forma substancial o uso de notas nas transacções correntes. Ou seja, a

moeda metálica corrente, com um modesto peso de 3,4% na circulação monetária da área do euro, viu a sua posição sair reforçada e consolidada em todo este processo de mudança monetária.

O exemplo das euro-moedas, cujas gravuras numismáticas retiveram uma face com os sinais de cultura de cada um dos Estados-membros, permitiu consolidar um novo conceito de valor monetário, cujo desenvolvimento na prática já se vinha assistido em vários países desde meados da década de 1980: além da sua função económica tradicional, a moeda metálica do século XXI apresenta uma componente cultural que se sobrepõe, em importância, ao seu próprio sinal de valor.



Abstract

The cash change-over in the euro zone – effects of the transition

The full replacement of banknotes and coins in the twelve European Union Member States forming the euro area represented a unique opportunity for analysing the readjustments that had taken place in the different national currencies with the transition to the fiduciary euro. In this study, particular importance is given to the coins issued and in circulation, with each of the national currencies of the twelve members being analysed individually, together with their contribution to the total of the euro zone at two specific moments in time: 31 December 2000 (the reference year for monetary transition) and 31 December 2002 (the year when euro banknotes and coins were introduced).

The main indicators analysed were the indices per capita of coins in circulation, in both value and quantity; the share of these coins in useful monetary circulation (defined here as the money in circulation net of current commemorative coins); the value of this money in circulation as a percentage of GDP; and the national contribution of the money in circulation and the coins issued by each state to the total of the euro area.

Overall, the transition to the fiduciary euro gave rise to a shrinkage of 6.4% in the value of money in circulation in the euro zone, with the sharpest reductions occurring in relation to coins, which fell by 22% in value. A trend that was countered in only four countries (Portugal, Luxembourg, Italy and Greece), as a result of the replacement of obsolete monetary systems. Because of the high statistical stocks accumulated since the first year of their issue, which in some countries dated back to the 1940s and 1950s, the supply of coins in circulation in 2002 was drastically reduced to one third of the quantity accounted for in 2000.

The transition to the fiduciary euro demonstrated the very positive evolution of the most modern means of “non-cash” payment, namely the electronic systems and direct debits, which only substantially affected the use of banknotes in current transactions. Or, in other words, coins, which had only a modest share of 3,4% in the money in circulation in the euro zone, saw their position reinforced and consolidated throughout the whole process of monetary change.

The example of euro-coins, whose engravings retained a face with the signs of culture from each of the twelve European Union Member States, allowed to consolidate a new concept of monetary value, whose development has in practice already had assisted in several countries since the mid 1980: beyond their traditional economic role, coins of the 21st century presents a numismatic-cultural component that overlaps in importance to their own face value.

*António Miguel Trigueiros
Lisboa, 2003*

A MUDANÇA MONETÁRIA NA EUROPA DO EURO

– REFLEXOS DE UMA TRANSIÇÃO

António Miguel Trigueiros ¹

1. Introdução

1.1 Apresentação

Este trabalho resultou inicialmente de um estudo alargado sobre a variação do peso da moeda metálica portuguesa no meio circulante nacional ao longo da vida do escudo republicano, integrado num projecto de dissertação de doutoramento em História Económica e Social, a decorrer no Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Desejando confirmar, de forma quantitativa, o facto sentido por todos os portugueses, de que a quantidade de moeda metálica disponível em circulação aumentou substancialmente após a introdução do euro fiduciário, e assim comprovar a política de contenção na emissão de numerário metálico levada a cabo pelo Banco de Portugal na última década do século passado, os resultados alcançados fizeram nascer a curiosidade de observar como se deu a transição para a moeda única europeia nos outros países integrantes da área do Euro.

Os dados estatísticos necessários para esta análise começaram a ser reunidos logo no primeiro trimestre de 2002, com relação às notas e às moedas metálicas em circulação nos Doze no final de 2000, completados mais tarde pela estatística das notas e moedas metálicas euro em circulação no final de 2002, por informação do Departamento de Emissão e Tesouraria do Banco de Portugal.

¹ Engenheiro Químico-Industrial (IST), foi director do Departamento de Moeda e Produtos Metálicos da Imprensa Nacional-Casa da Moeda E. P. e autor conceptual da última reforma do sistema de moeda metálica do Escudo (1986-1991). Publicou, entre outros estudos de história monetária e numismática, os livros *Moedas Portuguesas na Época dos Descobrimentos 1385-1580* (Alberto Gomes, Lisboa, 1992) e *A Grande História do Escudo Português* (Coleções Philae, Lisboa, 2004).

1.2. Objectivos

A substituição integral de todo um meio circulante nacional, num curto período de tempo – como aconteceu em 2002 na área do Euro –, representa uma oportunidade única para o estudo das alterações no comportamento social e nos hábitos das populações. Mas também constitui uma rara ocasião de análise da real dimensão dos meios de pagamento líquidos que deixaram de circular (ou seja, das notas e das moedas metálicas correntes das diferentes moedas nacionais) e dos reajustamentos verificados no meio circulante com a passagem para o euro fiduciário. Se enquadrarmos essa análise individual numa visão de conjunto dos doze Estados-membros que constituem a área do euro, no final de 2000 – ano que foi considerado pela Comissão Europeia como de referência para a transição monetária – e no final de 2002, primeiro ano da introdução do euro fiduciário, quando os efeitos da migração intra-comunitária de notas e moedas ainda eram reduzidos, será então possível visualizar as diferenças que marcavam cada um dos meios circulantes nacionais, identificar as suas causas e explicar a mudança monetária ocorrida. Foram estes os principais objectivos que nortearam este estudo, referidos a dois momentos específicos: 31 de Dezembro de 2000 e 31 de Dezembro de 2002.

Na primeira parte apresentam-se algumas definições e conceitos da nomenclatura utilizada no texto, porventura em alguns casos um pouco afastada dos cânones tradicionais da literatura económica e monetária. Na segunda e terceira partes quantifica-se e comenta-se a circulação da moeda metálica em cada um dos espaços nacionais, respectivamente, na época pré-euro e no final do primeiro ano da circulação do euro fiduciário. Como referências são indicadas, nos quadros resumo, as estatísticas populacionais, o PIB *per capita* e o valor das notas em circulação, donde surgem as respectivas contribuições nacionais para o total da área do euro. Da comparação dessas estatísticas monetárias surge a variação registada no meio circulante com a passagem para o euro fiduciário, ou seja, os reflexos dessa transição.

1.3. Definições, Conceitos e Nomenclatura

No tocante à moeda metálica, utilizamos os mesmos conceitos e definições que elaboramos em 1986 para o diploma que criou o último sistema de moeda metálica da época do escudo (Decreto-Lei n.º 293/86, de 12 de Setembro).

Consideram-se *moedas metálicas correntes* (MMC) as moedas que se destinam a assegurar as necessidades da circulação monetária subsidiária e a facilitar os trocos. No caso do Portugal, este subsistema era constituído em 2000 pelos valores de 1 escudo, 5, 10, 20, 50, 100 e 200 escudos e, em 2002, pelos

valores de 1 cêntimo, 5, 10, 20 e 50 cêntimos de euro, 1 e 2 euro. São descritas nos relatórios do Banco de Portugal como “moeda divisionária e de troco”, uma nomenclatura muito antiquada e que não seguimos neste trabalho.

Consideram-se *moedas comemorativas correntes* (MCC) as moedas com valores faciais correntes ou outros, mas com gravuras distintas das gravuras das moedas correntes, que se destinam a comemorar efemérides ou eventos e cujo limites legais de emissão tenham sido fixados independentemente dos limites de emissão das moedas correntes. No caso de Portugal, onde as moedas comemorativas emitidas desde 1928 retiveram sempre o seu curso legal ao longo da vida do escudo, só sendo retiradas de circulação com a passagem para o euro, este subsistema incluía em 2000, além de moedas de emissões antigas (1928-1986) e de outras com características idênticas às das moedas metálicas correntes (1986-2001), moedas comemorativas de 100, 200 e 250 escudos de cuproníquel, 500 e 1000 escudos de prata. Em 2002 e ao contrário da maioria dos outros países da área do euro, Portugal não emitiu moedas comemorativas correntes denominadas em euro.

Existem, no entanto, alguns casos particulares que diferem da prática portuguesa e que por isso foram analisados individualmente. Em Espanha, desde 1990 que a política de emissão de moeda metálica contemplava a mudança anual das gravuras numismáticas de alguns dos valores faciais correntes, para temas alusivos às diferentes comunidades autonómicas, mantendo-se os elevados volumes de emissão anual e as características das moedas correntes. Tais espécies não são consideradas como tendo carácter comemorativo, o qual só foi contemplado para as moedas de prata de 2000 pesetas. Na Áustria, o lançamento em circulação de moedas correntes de valores faciais elevados (20 e 50 xelins), foi acompanhado por uma política de divulgação cultural semelhante à espanhola, ou seja, mudança anual das gravuras dessas moedas, pelo que também não são consideradas como espécies comemorativas de emissão restrita. Fora da área do euro, o mesmo fenómeno acontece na Grã-Bretanha com a moeda de 1 libra, cuja gravura do reverso é mudada todos os anos para poder representar simbologias heráldicas ou outras figurações emblemáticas das diferentes nações que a constituem. Em todos estes casos, tratam-se de diferentes tipos numismáticos das mesmas moedas metálicas correntes e não de espécies comemorativas no sentido que lhes é dado pela legislação portuguesa.

Consideram-se *espécimes numismáticos* (EPN) as moedas metálicas correntes ou comemorativas que apresentam qualidades de cunhagem diferentes das correspondentes moedas de circulação normal, sendo destinadas à comercialização colecionista por preços superiores ao seu valor facial, pelo que não se encontram na circulação. A qualidade especial do fabrico destes espécimes, ou seja, da sua cunhagem, pode reflectir-se no tipo de acabamento

superficial (brilhante, foscada, etc), na mudança da liga metálica da moeda-base (cuproníquel para prata, etc) ou no seu peso, sem contudo perderem o carácter de moeda metálica com curso legal.

Em Portugal, a produção e comercialização de espécimes numismáticos pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda E. P. (INCM), foi regulamentada pelo Decreto-Lei n.º 178/88, de 19 de Maio, ainda em vigor, contemplando a entrega ao Banco de Portugal do montante correspondente ao valor facial dos espécimes numismáticos comercializados. Deste facto resultou a sua inclusão nas estatísticas da “Emissão de Moeda Metálica” publicadas no relatório anual do Banco de Portugal, como se tratassem de moeda corrente e/ou comemorativa em circulação, o que não corresponde à realidade. Nessas estatísticas estão incluídos EPN de ouro, de prata, de paládio e de platina de moedas comemorativas correntes de cuproníquel; espécimes “Brilhantes Não Circulados” e “Provas Numismáticas-*proof*” de moedas metálicas correntes de latão, cuproníquel e bimetalicas; espécimes lamelares prata/ouro de moedas comemorativas correntes de prata, etc.

Utilizamos correntemente a expressão *circulação monetária* ou, numa forma mais coloquial, *meio circulante*, como o somatório em valor das notas e das moedas metálicas efectivamente em circulação (correntes e comemorativas correntes, exceptuando-se, naturalmente, os espécimes numismáticos), ou seja, o conjunto dos meios de pagamento líquidos não detidos em caixa por bancos centrais ou instituições financeiras emissoras de notas.

No caso de Portugal, a circulação monetária no seu sentido mais tradicional (agregado M0), corresponde ao valor da emissão de notas e moedas metálicas, subtraído do valor das notas e moedas metálicas detidas na caixa do Banco de Portugal. O mesmo conceito é utilizado correntemente nos restantes países da área do euro (em inglês, *notes and coin in circulation*, ou *currency circulation*) e, por exemplo, no Brasil, e inclui notas e moedas não só em poder do público e de instituições de crédito, mas também em poder de outras instituições financeiras não emissoras de notas.

Neste particular a nomenclatura monetária portuguesa é muito enganosa e presta-se a confusão de linguagem, já que a mesma expressão “circulação monetária” começou também a ser empregue no vocabulário moderno com um sentido muito mais estrito, como sinónimo de “notas e moedas exclusivamente em poder do público”, quando se refere à oferta total de moeda (aqui entendida num sentido lato) incluída nos diferentes tipos de agregados monetários (M1, M2, M3), sem que tivesse havido o cuidado de se lhe juntar um adjectivo

diferenciante. Neste particular seguimos a opinião de Nuno Valério ² e afastamo-nos da definição de circulação monetária expressa no Glossário do Banco Central Europeu ³.

Por *circulação monetária útil* ou *meio circulante útil* (MCU) deve-se entender o meio circulante líquido das moedas comemorativas correntes (e, por maioria de razão, dos espécimes numismáticos de moedas correntes e comemorativas). Apesar de terem poder liberatório legal, as moedas comemorativas correntes são sempre emitidas em quantidades reduzidas e limitadas no tempo, sendo rapidamente entesouradas mais pelo seu valor estimativo como objecto cultural, do que pelo seu valor monetário, pelo que não são normalmente utilizadas para efectuar pagamentos. Neste domínio, a experiência portuguesa nos últimos vinte anos de vida do escudo é bem elucidativa, podendo ser medida pelas percentagens das moedas recolhidas em 2002: enquanto as moedas bimetálicas correntes de 100 e 200 escudos registaram uma recolha média de 70% das quantidades emitidas, as moedas comemorativas de 1000 escudos de prata ficaram-se nos 22% e, das moedas comemorativas de 200 escudos de cuproníquel, só foram recolhidas cerca de 8%.

No cálculo do meio circulante útil utilizamos a informação estatística fornecida pelos Bancos Centrais Nacionais e pelas Casas de Moeda do Eurosistema, e o nosso próprio conhecimento do mercado numismático internacional. No caso dos relatórios anuais do Banco de Portugal, a emissão de moeda metálica foi expurgada das moedas comemorativas correntes e dos espécimes numismáticos, de acordo com a estatística das emissões comercializadas pela IN-CM, bem como, do nosso próprio conhecimento neste assunto ⁴.

1.4. Algumas notas aos indicadores apresentados

A caracterização da circulação monetária na área do euro aparece relacionada com o Produto Interno Bruto nacional de cada Estado-membro, a preços correntes (PIB). A razão do meio circulante útil relativamente ao PIB dá-nos

² V. “Recensão” a Jaime Reis, *A Evolução da Oferta Monetária Portuguesa 1854 – 1912*, in *Estudos de Economia* (ISEG), vol. XII, n.º 1, Out. – Dez. 1991.

³ Nesse glossário, primeiro publicado em anexo ao relatório anual de 2000, coincidem diferentes conceitos: 1 – Circulação monetária (notas e moedas metálicas em poder do público e das redes bancárias); 2 – Circulação monetária (notas e moedas metálicas exclusivamente em poder do público); 3 – Circulação monetária (notas e moedas metálicas, como acima, com exclusão das moedas metálicas comemorativas).

⁴ V. António Miguel Trigueiros, *A Grande História do Escudo Português*, Coleções Philae, Lisboa, 2004.

conta do nível de numerário utilizado nos pagamentos a retalho, face a outros meios e instrumentos de pagamento «não numerário» (cheques, cartões de débito e de crédito, e ordens de pagamento).

Numa visão global, a contribuição nacional de cada Estado para o total da área do euro é apresentada em função do PIB, do MCU e da moeda metálica corrente (MMC), o que permite análises comparativas e detectar forças emissoras que doutra forma não seriam visíveis.

Especial ênfase é dada à análise da moeda metálica corrente, quer em valor, quer em quantidade das diferentes espécies emitidas e em circulação. O índice da MMC em valor *per capita* está directamente relacionado com o valor facial das moedas metálicas circulantes, ao passo que o índice em quantidade *per capita* traduz preferencialmente o volume das amoedações disponíveis na circulação. Em ambos os casos, dependem do montante das emissões realizadas desde o primeiro ano de lançamento, ou seja, do *stock* estatístico acumulado até 31 de Dezembro de 2000 (caso das moedas nacionais pré-euro) ou durante o primeiro ano de circulação das moedas metálicas denominadas em euro (31 de Dezembro de 2002).

QUADRO I

Circulação monetária na área do euro em 2000

Área do euro			Meio Circulante Útil (MCU - valor)		Notas de banco — valor	Moeda Metálica Corrente (MMC)					Contribuição Nacional — (% do total)		
Estados	POP. — (mio.)	PIB <i>per capita</i> (EUR/hab.)	EUR (mio)	% PIB		Valor		Peso no MCU — % valor	Quantidade		MCU	MMC	PIB
						EUR (mio.)	<i>per capita</i>		moedas (mio.)	<i>per capita</i>			
Portugal	10,13	11.406,3	6.413,9	5,6	6.186,6	227,3	22	3,5	1.368,0	135	1,6	1,4	1,8
Espanha	40,50	15.044,9	59.426,7	9,8	57.162,0	2.264,7	56	3,8	11.521,6	284	15,0	14,2	9,3
França	58,89	24.115,1	48.787,1	3,4	46.069,0	2.718,1	46	5,6	18.706,7	318	12,3	17,0	21,6
Irlanda	3,81	27.010,5	5.371,7	5,2	4.997,0	374,7	98	7,0	2.646,8	695	1,4	2,3	1,6
Bélgica	10,25	24.143,3	14.065,5	5,7	13.475,4	590,1	58	4,2	4.010,5	391	3,5	3,7	3,8
Luxemb.	0,44	48.438,2	114,9	0,5	92,1	22,8	52	19,8	94,3	214	0,0	0,1	0,3
<i>Belux</i>	10,69	25.143,3	<i>14.180,4</i>	5,3	<i>13.567,5</i>	<i>612,9</i>	<i>57</i>	<i>4,3</i>	<i>4104,8</i>	<i>384</i>	<i>3,6</i>	<i>3,8</i>	<i>4,1</i>
Países Baixos	15,92	25.288,9	18.730,4	4,7	17.436,0	1.294,4	81	6,9	6.421,9	403	4,7	8,1	6,1
Finlândia	5,17	25.190,3	3.196,9	2,5	2.945,2	251,7	49	7,9	2.039,8	395	0,8	1,6	2,0
Alemanha	82,21	24.692,9	140.180,4	6,9	134.004,0	6.176,4	75	4,4	48.523,5	590	35,4	38,6	30,9
Áustria	8,01	25.847,4	14.638,6	7,1	14.033,0	605,6	76	4,1	6.076,4	759	3,7	3,8	3,1
Itália	57,69	20.221,0	76.462,9	6,6	75.154,0	1.308,9	23	1,7	15.587,8	270	19,3	8,2	17,7
Grécia	10,56	11.517,8	9.070,0	7,5	8.911,0	159,0	15	1,8	2.001,0	189	2,3	1,0	1,8
Total	303,58	21.657,4	396.459,0	6,0	380.465,3	15.993,7	53	4,0	118.998,3	392	100,0	100,0	100,0

Unidades: Valor – milhões de Euro; Quantidade – milhões de habitantes ou de moedas
Per capita em Valor – EUR/hab.; Per capita em Quantidade – Moedas/hab.
Data de referência: 31 de Dezembro de 2000

Finalmente, o rácio MMC/MCU em valor, ou seja, o peso da moeda metálica corrente na circulação monetária útil, testemunha a importância que a massa metálica detém no meio circulante emitido por cada Estado-membro, sendo o indicador mais importante e interessante de ser analisado neste processo de transição para o euro fiduciário.

2. A transição para o euro fiduciário

2.1. O escudo português na transição para o euro

O sistema de moeda metálica corrente do escudo português em vigor na época pré-euro foi criado em Setembro de 1986 (1 escudo, 5 e 10 escudos de latão-níquel; 20 e 50 escudos de cuproníquel) e completado em Dezembro de 1989 (100 escudos, bimetálica) e em Abril de 1991 (200 escudos, bimetálica). Portugal foi o primeiro país a ter em circulação duas moedas bimetálicas e bicolores de cores alternadas, uma solução que seria mais tarde adoptada no sistema monetário do euro. Em Setembro de 1998 foram retiradas de circulação as duas últimas moedas resistentes de sistemas anteriores, 50 centavos de bronze (da série de 1969) e 2,5 escudos de cuproníquel (da série de 1963). Foi mantido o curso legal à moeda de 1 escudo de latão-níquel criada em 1981, cuja produção tinha sido abandonada em 1986 e que, no final do século, já não se encontrava efectivamente na circulação útil.

Quanto às notas de banco, o sistema incluía cinco denominações com valores baixos em termos da escala do euro, sendo a denominação mais elevada equivalente a 50 euro (10.000 escudos) e a mais baixa equivalente a 2,5 euro (500 escudos). No final de 2000, o valor *per capita* da circulação fiduciária portuguesa era de 611 euro/habitante, um dos mais baixos da área do euro, pouco superior ao registado na Finlândia (570 euro), enquanto a média europeia situava-se nos 1253 euro/habitante. A nota de 500 escudos, que desde há muito ocupava o lugar de uma moeda metálica, tinha uma circulação de 33,1 milhões de exemplares (correspondente a 10% da quantidade total e a 1,3% do valor total circulante).

Entre 1990 e 2000, Portugal passou a ser um país maioritariamente utilizador de instrumentos de pagamento electrónico (cartões de crédito e de débito), tendo-se verificado uma significativa redução da utilização de cheques e de notas de banco nos pagamentos a retalho. A preferência crescente do público por meios e instrumentos de pagamento ditos “não numerário” (entenda-se: não fiduciários) ficou expressa na evolução da percentagem do meio circulante útil

em relação ao PIB: 7,6% em 1990 e 5,6% em 2000. Muito próximo da média europeia de 6%, mas ainda muito longe do rácio verificado em países com sistemas de pagamento electrónicos mais desenvolvidos, como a Finlândia (2,5%).

QUADRO I A

Moeda metálica portuguesa em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 200,482 PTE	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em PTE das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
200 escudos	1	68,7	13 747,0	68,6
100 escudos	0,50	170,1	17 006,2	84,8
50 escudos	0,25	121,2	6 058,7	30,2
20 escudos	0,10	238,1	4 761,2	23,7
10 escudos	0,05	190,4	1 904,0	9,5
5 escudos	0,02	376,9	1 884,7	9,4
1 escudo		202,6	202,6	1,0
Total:		1 368,0	45 564,4	227,3

Nota: não inclui moedas comemorativas correntes, nem moedas cuja produção fora abandonada e já não se encontravam na circulação (1 escudo da série de 1981). A soma dos valores parciais pode não perfazer o total, devido a arredondamentos.

Diferente foi o percurso da moeda metálica na última década da época do escudo. A evolução muito positiva da economia nacional verificada nesse período, com acentuado aumento do poder de compra associado a uma reduzida taxa de inflação, incrementou a necessidade da utilização de moedas metálicas nas transacções a retalho de baixo valor. O peso da moeda corrente no meio circulante útil (moedas comemorativas e espécimes numismáticos não incluídos), que em 1990 se situava nos 2,4%, passou para 3,5% no final de 2000. De notar que este último rácio seria de 5,2% se se incluísse o conjunto de todas as espécies metálicas correntes e comemorativas.

Apesar desta variação muito positiva, o volume de moeda metálica em circulação muito dificilmente conseguia cobrir as reais necessidades do mercado utilizador, onde se notava uma escassez crónica de trocos, particularmente sentida nas espécies de maior valor (100 e 200 escudos, equivalentes a 50 eurocents e a 1 euro), que apenas representavam 17% da quantidade total em circulação no final de 2000 (ver o Quadro I A).

O baixo valor facial das mais altas denominações do escudo português, aliado a volumes de emissão muito modestos durante toda a década de 1990, contribuiu para um índice *per capita* de 22 euro/habitante em 2000, um dos mais baixos da área do euro (média de 53 euro/hab.), inferior duas vezes e meia ao da Espanha (56 euro/hab.), semelhante ao da Itália (23 euro/hab.) e pouco maior que o do último classificado, a Grécia (15 euro/hab.).

Esta situação era o resultado de uma política artificialmente restritiva na emissão de numerário metálico de que o mercado carecia, unilateralmente assumida e levada a cabo precisamente desde o início da década de 1990 pelo Departamento de Emissão e Tesouraria do Banco de Portugal, pelo rateio das quantidades requisitadas pela banca comercial, sob o pretexto que era necessário proteger os interesses do Banco e fomentar a circulação das notas, donde advinham os seus maiores rendimentos financeiros.

Este facto também é evidenciado pelo índice *per capita* em quantidade registado de 135 moedas/habitante, o mais baixo da área do euro em 2000.

2.2. A peseta espanhola na transição para o euro

A circulação monetária espanhola, anterior à introdução do euro, caracterizava-se por um pequeno sistema de notas de quatro denominações (10 000 pesetas ou 60 euro, era o valor mais elevado) e um alargado sistema de oito moedas metálicas, que incluía denominações altas (500 pesetas ou 3 euro).

Os últimos vinte anos da peseta ficaram marcados por importantes modificações do numerário metálico circulante, iniciadas em 1982 com novas moedas de 1 peseta de alumínio e de 100 pesetas de bronze-alumínio. As bases definitivas do sistema espanhol que vigoraria na época pré-Euro só ficaram estabelecidas em 1990, integrando oito denominações com cores alternadas e marcas bem visíveis para permitir uma fácil distinção visual e táctil. Após a conclusão da remodelação do sistema de moeda metálica, encontravam-se em circulação 53 tipos diferentes, para 8 valores apenas. O saneamento do meio circulante foi finalmente alcançado a 1 de Janeiro de 1997, quando perderam curso legal todas as moedas não integrantes do novo sistema.

QUADRO II A

Moeda metálica espanhola em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 166,386 ESP	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em ESP das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
500 pesetas	3,00	233,4	116 723,9	701,5
200 pesetas	1,20	77,0	15 400,0	92,6
100 pesetas	0,60	1 604,5	160 454,0	964,3
50 pesetas	0,30	106,6	5 332,0	32,0
25 pesetas	0,15	1 960,6	49 016,0	294,6
10 pesetas	0,06	351,3	3 513,0	21,1
5 pesetas	0,03	4 801,2	24 006,0	144,3
1 peseta		2 387,0	2 387,0	14,3
Total:		11 521,6	376 831,9	2 264,7

Nota: não inclui moedas comemorativas correntes de prata (2000 pesetas)

Desde então, o peso da moeda metálica na circulação monetária útil manteve-se estável, entre 3,5% no final de 1997 e 3,8% no final de 2000, quando a média da área do euro era de 4%, correspondendo a um índice *per capita* de 284 moedas/habitante, enquanto a média da área do euro era 392 moedas/habitante (um indicador muito inflacionado pela longevidade das emissões, como veremos mais adiante).

O excelente desempenho da economia espanhola, que atravessou uma fase de acentuada expansão entre 1997 e 2000, permitiu avançar no processo de convergência real para a integração no euro. Nesse período, as moedas mais correntemente utilizadas eram as de 5, 25 e 100 pesetas, cujo volume em circulação no final de 2000 representava 73% do total do numerário metálico (ver o Quadro II A).

Apesar do peso da moeda metálica na circulação ser inferior ao da média da área do euro, correspondia a um peso real e bem visível no bolso dos utilizadores, principalmente devido às grossas moedas de 100 e 500 pesetas, cujo

elevado valor facial contribuía para um índice *per capita* em valor de 56 euro/habitante, muito próximo da média europeia (53 euro/habitante).

Uma outra característica bem específica da circulação monetária espanhola diz respeito aos hábitos muito arraigados de utilização de meios de pagamento líquidos, em detrimento dos cheques e dos sistemas electrónicos. De todos os países da área do euro, a Espanha detinha em 2000 a maior percentagem em valor do meio circulante útil em função do PIB (9,8%, para uma média europeia de 6%), com um valor *per capita* da circulação fiduciária de 1411 euro/habitante, muito superior ao da média europeia (1253 euro/hab.) e só superado pelos da Áustria (1752 euro/hab.) e da Alemanha (1630 euro/hab.).

O vigor da emissão monetária espanhola pré-Euro é claramente perceptível quando se compara a sua contribuição nacional para o total da área do euro, em função do PIB (9,3%) e do meio circulante útil (15,0%).

2.3. *O franco francês na transição para o euro*

Data do início da Quinta República (1959) a última reforma monetária ordenada pelo general de Gaulle, que criou um novo franco, equivalente a cem dos antigos. As primeiras moedas do novo sistema são emitidas em 1960 (1 franco de níquel), numa altura em que ainda era possível amoechar a prata nas denominações mais altas. Com o aumento progressivo do preço deste metal, a moeda de 5 francos passa a ser cunhada desde 1970 em liga de cuproníquel. Em 1979 é-lhe associada uma nova espécie de 2 francos de níquel, com um característico rebordo octagonal, que fechou esta série.

A primeira moeda bimetálica e bicolor de 10 francos foi lançada em 1988, logo se revelando ser muito popular. Em 1992 a França torna-se o primeiro país a cunhar uma moeda trimetálica, de 20 francos, uma inovação técnica que permitia uma melhor identificação pelos sensores das máquinas automáticas, mas que nunca chegaria a ter uma grande circulação.

O sistema monetário em França compreendia a mais longa série de moedas metálicas da área do euro, com nove denominações diferentes que incluíam valores altos (20 francos ou 3 euro). Nas notas de banco, com cinco denominações, a maior correspondia apenas a 76 euro (500 francos), um modesto valor que evidencia uma característica específica da cultura bancária francesa na época pré-euro, a utilização maioritária de cheques nos pagamentos a retalho de maior importância. Do total de pagamentos não numerário em França, os cheques contribuíam em 1998 com 45% em valor (e 46% em quantidade), atingindo o final de 2000 com uma contribuição de 44% em valor (e 37% em quantidade).

Este facto reflectia-se no nível de utilização de numerário em função do PIB, apenas 3,4%, muito inferior ao da média europeia. A circulação fiduciária em valor *per capita* era das mais baixas, 782 euro/habitante, para uma média europeia de 1253 euro/habitante, sendo ainda inferior ao da Grécia (844 euro/hab.). Para um país que em 2000 representava 21,6% do PIB total da área do euro, a contribuição da sua emissão monetária situava-se apenas nos 12,3%, um indicador que reflectia sobretudo a escassa emissão de notas, já que a contribuição do *stock* estatístico das moedas metálicas francesas era bem superior (17%).

QUADRO III A

Moeda metálica francesa em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 6,55957 FRF	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em FRF das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
20 francs	3,05	46,9	939,0	143,1
10 francs	1,52	917,4	9 174,0	1 398,6
5 francs	0,76	468,4	2 342,0	357,0
2 francs	0,30	609,0	1 218,0	185,7
1 franc	0,15	1 930,0	1 930,0	294,2
1/2 franc	0,07	1 580,0	790,0	120,4
20 centimes	0,03	3 529,0	705,8	107,6
10 centimes	0,01	5 013,0	501,3	76,4
5 centimes		4 613,0	230,6	35,1
Total:		18 706,7	17 829,7	2 718,1

Nota: não inclui moedas comemorativas correntes.

A soma dos valores parciais pode não perfazer o total, devido a arredondamentos.

No final de 2000, as moedas representavam um peso real na circulação monetária útil de 5,6%, bem acima da média da área do euro, uma percentagem

que se manteve estável nos últimos anos de transição para o euro e que confirma uma utilização abundante de numerário metálico nas transacções correntes. No entanto, a coexistência de notas e moedas com o mesmo valor (20 francos), influenciou negativamente a progressão da espécie trimetálica e a sua boa aceitação pelo mercado. Dos 140 milhões de peças cunhadas desde 1992, apenas 47 milhões estavam na circulação em final de 2000 (o remanescente ficou nas caixas do banco central), uma quantidade assaz diminuta, correspondente a 0,2% do total de moeda metálica circulante (ver o Quadro III A).

Maior importância detinha o conjunto das espécies metálicas de mais baixo valor facial (centimes, de bronze-alumínio), correspondente a 70% do volume total em circulação. Este facto explica o valor per capita registado de 46 euro/habitante, inferior ao da média dos Doze. A longevidade na circulação destas moedas de menor valor, emitidas desde a década de sessenta, fazia estimar que cerca de metade já não fariam parte do numerário circulante em 2000, reduzindo substancialmente o índice per capita acumulado desde o primeiro ano de emissão (318 moedas/habitante) e confirmando a supremacia das espécies de cuproníquel (francos) nas transacções diárias.

2.4. A libra irlandesa na transição para o euro

O sistema de moeda metálica da Irlanda seguiu o sistema decimal inglês de 1971, com as mesmas características físicas das correspondentes moedas britânicas, com excepção das moedas de 20 pence e de 1 libra irlandesa (punt), criadas em 1986 e 1990.

Ligada à libra inglesa desde a sua criação em 1928, a libra irlandesa apresentava a taxa de conversão mais baixa para o euro. Deste facto, associado a um elevado peso da moeda metálica na circulação monetária (7,7% em 1997; 7,0% em 2000) e a um índice *per capita* em quantidade também muito alto (695 moedas/habitante, só superado pelo da Áustria), resultou que, em final de 2000, a moeda metálica em circulação na Irlanda registava o maior valor *per capita* de toda a área do euro (98 euro/habitante). Para esta abundância de numerário metálico na circulação e, por via do seu próprio peso, no bolso dos utilizadores, contribuíam dois factores principais: a longevidade das espécies na circulação e a tardia implementação de sistemas electrónicos de pagamento.

As primeiras moedas da série decimal da libra irlandesa foram introduzidas na circulação em 1969 (5 e 10 pence, de cuproníquel), em 1970 (50 pence, de cuproníquel) e em 1971 (1 penny e 2 pence, de bronze), tendo circulado sem interrupção até 2001, ou seja, durante mais de trinta anos. Nesse espaço de tempo as emissões mais antigas terão desaparecido naturalmente da circulação,

um fenómeno particularmente sentido nas denominações de mais baixo valor, precisamente aquelas cujo peso relativo acumulado desde o primeiro ano (75% nas moedas de 1, 5 e 10 pence), mais contribuíram para o elevado índice *per capita* registado (ver o Quadro IV A).

QUADRO IV A

Moeda metálica irlandesa em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 0,787564 IEP	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em IEP das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
1 punt	1,27	145,1	145,1	184,2
50 pence	0,63	88,6	44,3	56,2
20 pence	0,25	191,6	38,3	48,6
10 pence	0,13	243,2	24,3	30,9
5 pence	0,06	444,4	22,2	28,2
2 pence	0,02	553,4	11,1	14,1
1 penny	0,01	980,5	9,8	12,4
Total:		2 646,8	295,1	374,7

Nota: Inclui 5 milhões de moedas de 1 punt comemorativas do novo Milénio, emitidas em 2000 e consideradas como de circulação corrente.

A soma dos valores parciais pode não perfazer o total, devido a arredondamentos.

Quanto aos sistemas alternativos de pagamento a retalho por via electrónica (cartões de débito e de crédito), a sua regulamentação só teve lugar em finais de 1998, pelo que, na época de transição para o euro, ainda se encontravam pouco desenvolvidos. A razão em valor do meio circulante útil para o PIB, que era 5,5% em 1999, decresceu para 5,2% em 2000, continuando a refletir uma utilização maioritária de cheques e de numerário nas transacções correntes. De facto, a Irlanda detinha em 2000 um valor *per capita* da circulação fiduciária de 1.312 euro/habitante, semelhante ao da Bélgica e superior ao da média europeia (1253 euro/hab.)

Comparando os índices da contribuição nacional irlandesa com a portuguesa para o total da área do Euro em 2000, respectivamente, em meio circulante útil (1,4 e 1,6%) e em moeda metálica corrente (2,3 e 1,4%), mais marcante fica a diferença entre os dois meios circulantes, escasso em moeda metálica o português, muito abundante o irlandês.

2.5. O franco belga na transição para o euro

O sistema de moeda metálica belga na época pré-euro resultou de uma sucessão de remodelações das espécies circulantes, levadas a cabo desde o início do reinado do rei Balduino I (1952-1993). Até 1975 as denominações existentes eram 25 e 50 centimes, 1 franco, 5 e 10 francos. Com as perturbações cambiais e a inflação que caracterizou a década de 1980, houve necessidade de criar denominações mais elevadas e de introduzir ligas metálicas mais económicas. A moeda de 10 francos de níquel é substituída por uma nova espécie de 20 francos de bronze-níquel, em 1987 é criada a moeda de 50 francos de níquel e até 1989 vão sendo remodelados os outros valores, completando-se o sistema que vigorará até 1999, quando o franco belga, tal como as restantes unidades monetárias da área do euro, deixou de ter autonomia própria, passando a ser uma denominação nacional do euro.

As últimas moedas correntes datam de 1998, com legendas em francês ou em flamengo, já que todas as moedas eram cunhadas separadamente nestas duas versões. Desde então só foram produzidas para colecções de espécimes numismáticos.

O sistema monetário belga era constituído por uma série de seis denominações de notas com valores altos (desde 100 francos até 10 000 francos, ou 248 euro), auxiliada por uma modesta série de cinco moedas metálicas, cujos valores equivalentes na escala do Euro variavam entre 1 eurocent (50 centimes) e 1,2 euro (50 francos). O volume da emissão fiduciária belga era abundante, correspondendo a um valor *per capita* de 1.315 euro/habitante na época pré-euro.

No final de 2000, a moeda metálica detinha um peso de 4,2% na circulação monetária útil, ligeiramente superior à média da área do euro. Entre as espécies metálicas mais correntemente utilizadas sobressaía a moeda de 1 franco de aço capeado a níquel, cujo volume emitido desde 1989 correspondia a 50,2% do total, contribuindo maioritariamente para um índice *per capita* de 391 moedas/habitante, semelhante ao da média europeia. Apesar da quantidade de moedas de 20 e de 50 francos na circulação apenas corresponder a 15% do total, o seu maior valor facial era responsável por 75,2% da emissão monetária, cujo índice *per capita* de 58 euro/habitante colocava a moeda metálica belga no escalão superior da área do euro (ver Quadro V A).

QUADRO V A

Moeda metálica belga em circulação em 2000

<i>Valor facial das moedas</i>	<i>Contravalor EUR 1 EUR = 40,3399 BEF</i>	<i>Quantidade de moedas (milhões)</i>	<i>Valor em BEF das moedas (milhões)</i>	<i>Valor em EUR das moedas (milhões)</i>
50 francs	1,24	194,4	9 719,8	240,9
20 francs	0,50	409,6	8 191,8	203,1
5 francs	0,12	707,1	3 535,5	87,6
1 franc	0,02	2 015,2	2 015,2	50,0
1/2 franc	0,01	684,2	342,1	8,5
Total:		4 010,5	23 804,4	590,1

Nota: não inclui moedas comemorativas correntes de metais preciosos.
A soma dos valores parciais pode não perfazer o total, devido a arredondamentos.

De notar a perfeita harmonia na contribuição nacional belga para a área do euro, em função do PIB (3,8%), do seu meio circulante útil (3,5%) e em função da moeda metálica circulante (3,7%).

Além das notas e moedas belgas, também tinham curso legal na Bélgica os correspondentes sinais monetários emitidos pelo Luxemburgo, nos termos de um tratado de união económica assinado em 1921 e restaurado desde 1944. No entanto, o peso da moeda luxemburguesa na circulação monetária belga era diminuto, cerca de 0,6% no final de 2000, pelo que não é considerada como importante nesta análise estatística.

2.6. O franco luxemburguês na transição para o euro

Ao longo da sua história recente e até à independência de facto em 1867, o Grão-Ducado do Luxemburgo fez parte da França, dos Países-Baixos, da Bélgica e da Confederação Germânica. As primeiras moedas metálicas cunhadas em seu nome datam de 1854, no quadro da união aduaneira de 1842 com a Prússia (Zollverein), sendo denominadas em *centimes de franc*, sendo este já então o franco belga de 1832, e não o franco francês de 1803. Em 1922 o Luxemburgo forma com a Bélgica uma união económica e uma associação monetária, tendo

como base a paridade entre as duas moedas. Restaurada em 1944, esta união sobreviveu até à terceira fase da União Económica e Monetária europeia, pelo que as moedas metálicas emitidas pelo Luxemburgo seguiam os padrões estabelecidos para as moedas belgas, com as quais circulavam conjuntamente.

Em 1973 foi abandonada a produção dos 25 centimes e, entre 1980 e 1988, ficou completo o sistema que vigoraria até à introdução do euro, sendo constituído apenas por quatro denominações: 1 franco, 5, 20 e 50 francos. As últimas moedas correntes datam de 1990 e 1991 (1 franco). Desde então só foram produzidas para colecções de espécimes numismáticos para coleccionadores.

Em 1998 foi criado o Banco Central do Luxemburgo, passando a competência para a produção e emissão das moedas metálicas para o Tesouro do Grão-Ducado. A emissão monetária no Grão-Ducado do Luxemburgo regulava-se nos termos da união económica com a Bélgica, que impunha limites às quantidades, valores e denominações dos sinais monetários a emitir. As emissões próprias eram constituídas por uma pequena série de notas de três denominações (100, 1000 e 5000 francos, ou 124 euro, esta última só criada em 1993) e um sistema de quatro moedas metálicas que, tal como na Bélgica, tinha como valor mais alto os 50 francos (1,2 euro; ver o Quadro VI A).

QUADRO VI A

Moeda metálica luxemburguesa em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 40,3399 LUF	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em LUF das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
50 francs	1,24	10,2	509,9	12,6
20 francs	0,50	12,1	241,4	6,0
5 francs	0,12	24,0	119,9	3,0
1 franc	0,02	48,0	48,0	1,2
Total:		94,3	919,2	22,8

Nota: não inclui moedas comemorativas correntes de metais preciosos.

A soma dos valores parciais pode não perfazer o total, devido a arredondamentos.

O índice *per capita* em quantidade das emissões próprias do Luxemburgo totalizava 214 moedas/habitante, correspondente em valor a 52 euro/habitante, desde os primeiros anos de emissão. Na realidade, estes índices seriam superiores, dada a abundância de moedas belgas na circulação local.

Considerando o território belga-luxemburguês como um todo monetário, os índices *per capita* registados no final de 2000, em quantidade e em valor serão, respectivamente, de 384 moedas e de 57 euro/habitante, para um peso da moeda metálica de 4,3%, traduzindo melhor a realidade desta circulação conjunta na época pré-Euro.

2.7. O florim holandês na transição para o euro

Depois da independência do reino dos Países-Baixos em 1815 e que até 1830 será constituído pelos territórios belga-holandês, a unidade monetária passou a ser o guilder ou gulden, nome equivalente no Norte da Europa ao ducado de ouro italiano (*gulden dukat*), originalmente uma moeda de ouro de Florença de grande aceitação internacional desde o século XIII, conhecida pelo nome de florim.

A investidura da rainha Beatriz em 1980 foi aproveitada para se proceder a uma verdadeira revolução na arte do desenho numismático das moedas holandesas, sem alteração das suas características físicas, que remontavam a 1948 (5 cents de bronze, 10 e 25 cents de níquel), a 1967 (1 guilder ou florim holandês, de níquel) e a 1969 (2 ½ guilder de níquel). Em 1988 foi adicionada uma nova moeda de 5 guilder, de níquel revestido a bronze, com o mesmo tipo de gravura, ficando completo o sistema que vigoraria até à introdução da moeda única europeia.

A existência de um sistema de moeda metálica com valores faciais equivalentes a 2,2 euro (5 florins) e a 1 euro (2,5 florins), cuja percentagem em valor na circulação era maioritária (51%), justifica o elevado índice *per capita* registado de 81 euro/habitante, o segundo maior da área do euro, só superado pela Irlanda. Quanto às notas de banco, com um sistema alargado de sete denominações que incluíam valores muito elevados (1000 florins, ou 454 euro), o índice *per capita* da circulação fiduciária registado em 2000 era de 1095 euro/habitante, inferior à da média europeia.

O peso da moeda metálica na circulação monetária útil dos Países Baixos passou de 6,5% em 1995, para 6,9% em 2000, sendo este último o terceiro mais elevado da área do euro, refletindo sobretudo um forte aumento da emissão metálica, já que a circulação fiduciária permaneceu estável nesse período. Para esse peso contribuíam maioritariamente as três maiores denominações, responsáveis por 87,2% do total em valor. Quanto às moedas de mais baixo valor facial (cents), que representavam 82% da quantidade total na circulação, o seu

primeiro ano de emissão remontava a 1948, pelo que se estima que apenas um quarto do total das moedas emitidas eram realmente utilizadas nas transacções diárias correntes. O remanescente terá desaparecido durante o curso dos anos, ou seja, o índice per capita acumulado desde os primeiros anos de emissão, de 403 moedas/habitante, não refletia a realidade do mercado monetário no período de transição para o euro fiduciário. Das denominações mais elevadas, a preferência ia para a moeda de 1 guilder, ou florim, equivalente a 45 eurocents, sendo esta a moeda mais correntemente utilizada (ver o Quadro VII A).

QUADRO VII A

Moeda metálica holandesa em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 2,20371 NLG	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em NLG das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
5 gulden	2,27	195,8	978,9	444,2
2,5 gulden	1,13	190,4	476,0	216,0
1 gulden	0,45	747,3	747,3	339,1
25 cent	0,11	1 366,4	341,6	155,0
10 cent	0,04	2 261,0	226,1	102,6
5 cent	0,02	1 652,0	82,6	37,5
Total:		6 421,9	2 852,5	1 294,4

Nota: Não inclui moedas comemorativas de prata (10 e 50 florins).

O substancial aumento na utilização de instrumentos de pagamento electrónico verificado na década de 1990, designadamente nos débitos directos, contribuiu para a redução do uso de cheques e de notas nos pagamentos de maior valor, mas não afectou os pagamentos a retalho de baixos montantes, que continuaram a ser efectuados preferencialmente em numerário. Do total de transacções registadas nos Países Baixos em 2000, 70% fizeram uso de dinheiro líquido (notas e moedas), mas o valor desse numerário apenas correspondia a 2% do total dos pagamentos. O rácio do meio circulante útil relativamente ao PIB

(4,7%), inferior ao de Portugal, mas ainda muito distante do da Finlândia, confirma essa utilização relativamente abundante de numerário.

No entanto, a análise dos índices da contribuição nacional holandesa para a área do euro, em função do MCU (4,7%) e da MMC (8,1%), denota claramente a supremacia da moeda metálica no quotidiano da circulação monetária.

2.8. O marco finlandês na transição para o euro

A República da Finlândia (*Suomen Tasavalta*) tem uma história monetária própria anterior à proclamação da sua independência política, em 1917. Depois de séculos de integração no reino da Suécia e, desde 1809, no império da Rússia, a Finlândia recebeu em 1860 o privilégio de ter uma moeda própria, a markka ou marco finlandês, um facto que projectou os fundamentos de um Estado que viria, mais tarde, a alcançar a sua própria independência.

Entre 1990 e 1993, a moeda metálica circulante na Finlândia foi totalmente renovada, quer nas características físicas do seu corpo metálico, quer nas gravuras numismáticas que a ornamentavam. O sistema que vigorou até à introdução do euro passou a integrar, desde 1993, uma nova moeda de 10 markkaa, de características bimetálica e bicolor,

No final de 2000, a Finlândia detinha a mais elevada percentagem real de moedas metálicas na circulação monetária da área do euro (7,9%, sendo a média europeia de 4%). Tal peso não correspondia, contudo, a uma excessiva abundância de numerário metálico circulante (o índice *per capita* era de 395 moedas/habitante, semelhante ao da média da área do Euro), sendo mais o resultado da existência de um sistema electrónico de pagamentos a retalho muito sofisticado e desenvolvido, que reduziu a necessidade de utilização das notas de banco nas transacções correntes de maior valor.

De facto e apesar do aumento do valor da circulação monetária nos últimos anos de transição para o euro, reflectir uma evolução muito favorável da economia, a Finlândia era, de todos os países integrantes da Terceira Fase da União Económica e Monetária (com excepção do Luxemburgo), aquele que detinha o índice *per capita* mais baixo das notas de banco em circulação (570 euro/habitante), bem como, a menor razão do meio circulante útil em função do PIB (2,5%, sendo a média europeia de 6%).

Com um sistema de moeda metálica relativamente pequeno, cuja denominação mais elevada equivalia a 1,7 euro (10 markkaa), o seu índice *per capita* em valor situava-se nos 49 euro/habitante, abaixo da média europeia (ver o Quadro VIII A).

QUADRO VIII A

Moeda metálica finlandesa em circulação em 2000

<i>valor facial das moedas</i>	<i>contravalor EUR</i> <i>1 EUR = 5,94573 FIM</i>	<i>quantidade de moedas (milhões)</i>	<i>valor em FIM das moedas (milhões)</i>	<i>valor em EUR das moedas (milhões)</i>
10 markkaa	1,68	50,9	508,8	85,6
5 markkaa	0,84	76,9	384,4	64,6
1 markka	0,17	359,6	359,6	60,5
50 penniä	0,08	221,4	110,7	18,6
10 penniä	0,01	1 331,0	133,1	22,4
Total:		2 039,8	1 496,6	251,7

Nota: Não inclui moedas comemorativas correntes, nem de metais preciosos

De notar ainda o elevado peso das moedas de 10 penniä em circulação (65% do total), uma denominação equivalente a 2 eurocents e muito utilizada como moeda de troco, pese embora o seu pequeno poder aquisitivo unitário, já muito desajustado da realidade dos preços. Deste facto resultou a determinação de se arredondarem todos os futuros pagamentos em numerário-euro, para o múltiplo mais próximo de 5 eurocents. Em consequência, a Finlândia foi o único país da área do Euro que não lançou em circulação moedas de 1 e 2 eurocents, cuja utilização foi considerada desnecessária nos pequenos pagamentos.

2.9. O marco alemão na transição para o euro

O sistema de moedas metálicas do marco alemão apresentava algumas características únicas no conjunto dos países da área do euro. A mais importante diz respeito à grande longevidade das peças em circulação, na sua maioria

criadas após a reforma monetária de 1948 e da fundação da República Federal Alemã em 1950. Datam dessa altura aquelas que seriam as últimas moedas denominadas em pfennig (1, 2, 5, 10 e 50), só retiradas com a introdução do euro, e a primeira moeda do novo marco, espécie esta que não mais sofreria qualquer alteração nas características físicas até ao final da sua vida.

Quanto às moedas de 2 e de 5 marcos, esta última de prata, criadas em 1951, seriam substituídas em 1969 e em 1975, respectivamente, por novas espécies de produção mais económica, em liga de níquel capeada a cuproníquel. Desde então ficou completo o edifício monetário que vigoraria até à introdução do euro, cuja imutabilidade das suas gravuras numismáticas (com uma excepção bem justificada, na moeda de 2 marcos, que passou a homenagear grandes figuras da história alemã), caracterizava o desejo de estabilidade dos sinais monetários do marco alemão. Entre 1952 e 1986 foram emitidas abundantes cunhagens de espécies comemorativas correntes de 5 marcos, substituídas em 1987 por espécies comemorativas de 10 marcos de prata.

Depois da reunificação alemã em Outubro de 1990, que afectou durante vários anos o desempenho da economia, a Alemanha só voltou a apresentar indicadores globalmente positivos em 2000. O pico máximo da circulação monetária foi registado em finais de 1999, associado ao síndrome da «passagem para o ano 2000», um fenómeno generalizado à maioria dos países. Desde então, o valor das notas em circulação diminuiu, mas o valor das moedas metálicas aumentou para 16.054 milhões de marcos alemães, ou seja, correspondendo a um peso na circulação monetária de 5,8% no final de 2000. No entanto, se se considerar que 24,8% do valor total das moedas em circulação dizia respeito a espécies comemorativas de 5 marcos (de prata e de cuproníquel) e de 10 marcos, que não circulavam na prática, o peso real da moeda metálica corrente na circulação monetária útil situou-se nos 4,4%, pouco superior à média europeia (4%).

Apesar dos progressos registados desde 1998 nos sistemas de pagamento a retalho por via electrónica e de uma acentuada diminuição no uso de cheques, o rácio de 6,9% do meio circulante útil relativamente ao PIB ainda era dos mais elevados da área do Euro, reflectindo uma abundante utilização de numerário nas transacções correntes. No final de 2000, a Alemanha detinha o segundo maior índice *per capita* em valor das notas em circulação (1.630 euro/habitante), muito superior ao da média europeia (1.253 euro/hab.).

O vigor da emissão metálica pré-Euro também é claramente perceptível se compararmos a contribuição nacional alemã para o total da área do euro, em função do meio circulante útil (35,4%) e em função da moeda metálica corrente (38,6%).

QUADRO IX A

Moeda metálica alemã em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 1,95583 DEM	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em DEM das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
5 mark	2,55	891,0	4 455	2 277,8
2 mark	1,02	1 201,5	2 403	1 228,6
1 mark	0,51	2 329,0	2 329	1 190,8
50 pfennig	0,25	2 312,0	1 156	591,1
10 pfennig	0,05	10 870,0	1 087	555,8
5 pfennig	0,02	6 620,0	331	169,2
2 pfennig	0,01	7 600,0	152	77,7
1 pfennig		16 700,0	167	85,4
Total:		48 523,5	12 080	6 176,4

Nota: Não inclui moedas comemorativas correntes de 5 e 10 marcos .

Quanto à quantidade total de moeda metálica na circulação útil (ver o Quadro IX A), cerca de 91% correspondia às denominações de valor facial igual ou inferior a 50 pfennig, emitidas desde 1948-50, pelo que se estimava que cerca de três quartos dessa moeda já não existia de facto na circulação. Ou seja, o índice *per capita* em quantidade, de 590 moedas/habitante, um dos mais elevados da área do euro, estaria muito inflacionado por mais de cinquenta anos de emissão continuada.

A existência de um sistema de moeda metálica bem estruturado e completo, com denominações altas equivalentes a 2,5 euro (5 marcos) e a 1 euro (2 marcos), cuja percentagem em valor na circulação era maioritária, justifica o elevado índice per capita registado de 75 euro/habitante, bem acima da média da área do euro.

2.10. O xelim austríaco na transição para o euro

O xelim foi introduzido em 1924 como unidade monetária da Primeira República austríaca, após um período de hiper-inflação que se seguiu à Primeira Guerra Mundial. Depois de oito anos de ocupação alemã, voltou a ser reintroduzido em 1945 como a unidade monetária da Segunda República, ainda sob ocupação dos aliados, até à restauração da independência em 1955.

O sistema de moeda metálica que sobreviveu até à época pré-Euro era basicamente constituído por sete denominações: 10 groschen de alumínio e 50 groschen de latão-alumínio, criados entre 1951 e 1959; 1 xelim de cuproníquel, emitido desde 1959, 5 e 10 xelins, inicialmente de prata, mas desde 1968 e 1974, respectivamente, cunhados em liga de cuproníquel; 20 xelins de latão-alumínio, introduzido em 1980 e 50 xelins, bimetálica, emitido desde 1996. O sistema de notas compreendia seis denominações, desde 20 xelins até 5000 xelins (360 euro).

QUADRO X A

Moeda metálica austríaca em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 13,7603 ATS	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em ATS das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
50 schilling	3,6	3,8	192	13,9
20 schilling	1,45	27,1	542	39,4
10 schilling	0,72	319,3	3 193	232,0
5 schilling	0,36	427,2	2 136	155,2
1 schilling	0,07	1 683,0	1 683	122,3
50 groschen	0,03	566,0	283	20,6
10 groschen		3 050,0	305	22,2
Total:		6 076,4	8 334	605,6

Nota: não inclui moedas comemorativas ou de investimenmto em metais preciosos, nem moedas cuja produção fora abandonada e já não se encontravam na circulação efectiva (1, 2 e 5 groschen das séries de 1948-50)

A emissão monetária da Áustria apresenta algumas características peculiares, designadamente na área da moeda metálica. Até ao final de 2000, o valor das moedas comemorativas correntes e de investimento com curso legal (ouro e prata) correspondia a 80% do valor total da moeda metálica em circulação. Na prática, excluindo as moedas de metais preciosos que não circulam, o peso real da moeda metálica corrente na circulação monetária útil situou-se nos 4,1%, semelhante à média da área do euro. No entanto, a Áustria registava a maior quantidade *per capita* de moedas de toda a área do euro (759 unidades/habitante), um índice muito influenciado pela longevidade dos 10 groschen de alumínio, que representavam 50% das espécies metálicas existentes e cuja primeira emissão remontava a 1951. Considerando as perdas ocorridas ao longo dos anos, o volume total estimado de moedas metálicas na circulação em final de 2000 seria cerca de metade do emitido (ver o Quadro X A).

O desenvolvimento dos sistemas electrónicos de pagamento de retalho não afectaram a crescente utilização de papel-moeda e de moeda metálica, cuja função económica de assegurar um meio de pagamento líquido e imediato saiu reforçada, um facto evidenciado pelo elevado rácio do meio circulante útil em função do PIB (7,1%), bem como, pelo índice *per capita* em valor da circulação fiduciária em 2000, o mais elevado da área do Euro: 1 752 euro/habitante.

Além da moeda de 1 xelim, as outras espécies mais correntemente utilizadas eram os 5 e 10 xelins (equivalente a 76 eurocents), responsáveis por 70% em valor da circulação. Apesar do seu valor facial ser inferior ao de muitas outras moedas metálicas em circulação na área do euro, a abundância das emissões contribuía para um índice global de 76 euro/habitante, colocando a Áustria no escalão superior dos Doze.

2.11. A lira italiana na transição para o euro

O sistema de moeda metálica italiana refletia os problemas económicos vividos no pós-guerra e a destruição do valor da lira, que obrigou à utilização do alumínio nas primeiras amoedações republicanas e nas denominações de mais baixo valor que sobreviveram até à época pré-Euro (5 e 10 liras). Com a recuperação económica iniciada nos anos Cinquenta, novos valores vão sendo amoedados em aço (50 e 100 liras, em 1954 e 1955) e em bronze-alumínio (20 liras, em 1957), sendo preciso esperar mais vinte anos para o aparecimento de uma nova espécie metálica (200 liras de bronze-alumínio, em 1977), numa circulação monetária em que predominava o papel-moeda.

Os anos Oitenta representaram um momento particularmente importante da história monetária europeia, quando o rápido decréscimo do poder de compra do numerário circulante levantou o problema da substituição de notas de banco por

moedas metálicas com denominações cada vez mais elevadas. A resposta italiana a esse desafio ficaria marcada por aquela que é considerada como a mais importante inovação técnica no campo da engenharia monetária do século XX: as moedas bimetalicas e bicolores, cujo mérito da invenção pertence à Casa da Moeda de Roma.

Em 1982 é emitida a primeira moeda bimetalica de 500 liras, cunhada com recurso a um anel exterior de aço inoxidável, onde encaixava um núcleo circular interior de bronze-alumínio. Em 1997 foi lançada uma segunda moeda bimetalica, de 1000 liras, com o núcleo central de cuproníquel e o anel exterior de bronze-alumínio, cujo rebordo apresentava um recorte dodecagonal.

QUADRO XI A

Moeda metálica italiana em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 1936,27 ITL	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em ITL das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
1000 liras	0,52	360,1	360 100	186,0
500 liras	0,26	2 206,2	1 103 100	569,7
200 liras	0,10	2 540,5	508 100	262,4
100 liras	0,05	3 752,0	375 200	193,8
50 liras	0,02	2 974,0	148 700	76,8
20 liras	0,01	685,0	13 700	7,1
10 liras		1 990,0	19 900	10,3
5 liras		1 080,0	5 400	2,8
Total:		15 587,8	2 534 200	1 308,9

Nota: não inclui moedas comemorativas correntes de prata.

Contrariando a tendência verificada nos países da área do euro, o peso da moeda metálica italiana na circulação monetária útil registou um decréscimo nos últimos anos, passando de 2,0% em 1998 para 1,7% em 2000, sendo esta a percentagem mais baixa do conjunto dos Doze. Para esse efeito contribuiu um

significativo aumento da circulação de notas – reflexo da recuperação da actividade económica registada desde 1997 e de um sistema de pagamentos electrónico ainda pouco desenvolvido – e que não foi acompanhado pela emissão de moeda metálica, reduzindo ainda mais a já de si pequena expressão que o numerário metálico detinha nos meios de pagamento líquidos.

A razão de 6,6% do meio circulante útil em função do PIB, no final de 2000, reflete sobretudo a abundância de papel-moeda em circulação (com um índice *per capita* de 1303 euro/habitante). Os indicadores da contribuição nacional italiana para o total da área do euro confirmam esse facto: 19,3 % em função do meio circulante útil, mas apenas 8,2% em função da moeda metálica corrente, percentagens estas que contrastam vivamente com as correspondentes da emissão monetária alemã.

Com um sistema monetário onde imperava uma gama larga de 8 denominações de notas de banco, desde as 1.000 liras (ou 50 eurocents) até às 500.000 liras (258 euro), o papel reservado à moeda metálica italiana foi sempre muito subalterno e pouco explorado, permanecendo limitado aos mais baixos valores da escala do euro. O índice *per capita* em valor de 23 euro/habitante, o terceiro mais baixo da área do euro, semelhante ao registado em Portugal, reflete o baixo nível médio dos valores faciais da moeda metálica em circulação, apesar das abundantes amodações realizadas ao longo dos anos.

Das oito espécies sobreviventes no período de transição para o Euro, as moedas de maior utilização eram as de 50, 100, 200 e 500 liras, representando 74% do volume total emitido até ao final de 2000 (ver o Quadro XI A). O índice *per capita* acumulado, desde os primeiros anos de emissão, de 270 moedas/habitante, não representava a realidade do mercado nesse ano, que era bem mais escasso em trocos, uma vez que as moedas de valor inferior a 100 liras (ou 5 eurocents) circulavam desde os anos Cinquenta.

2.12. A dracma grega na transição para o Euro

O sistema monetário grego anterior à introdução do euro caracterizava-se por notas e moedas metálicas de muito baixo valor. Das seis denominações de papel-moeda em circulação, a mais alta correspondia a cerca de 30 euro (10 000 dracmas) e a mais baixa a 30 eurocents (100 dracmas), sendo este também o maior valor das moedas circulantes. O sistema de moedas metálicas era constituído por sete denominações, divididas em três grupos de ligas metálicas e cores diferentes: 1 dracma e 2 dracmas de cobre, criado em 1986; 5 e 10 dracmas de cuproníquel, criado em 1976 (em substituição da primeira cunhagem

republicana de 1973); e 20, 50 e 100 dracmas de bronze-alumínio, criado em 1990.

Não admira, por isso, que a Grécia registasse em final de 2000 o menor índice *per capita* em valor do numerário metálico do conjunto dos Doze: 15 euro/habitante, correspondente a uma contribuição nacional de apenas 1%. No conjunto da circulação monetária útil, o peso da moeda metálica também era muito pequeno, tendo passado de 1,5% em 1990 para 1,8% em 2000. No entanto, o índice *per capita* em quantidade de 189 moedas/habitante, conseguia mesmo assim suplantar o de Portugal (135 moedas/habitante), para períodos de emissão muito semelhantes. Ou seja, existiam mais moedas em circulação, muito embora de menor valor (ver o Quadro XII A).

QUADRO XII A

Moeda metálica grega em circulação em 2000

Valor facial das moedas	Contravalor EUR 1 EUR = 340,750 DRG	Quantidade de moedas (milhões)	Valor em GRD das moedas (milhões)	Valor em EUR das moedas (milhões)
100 dracmas	0,29	300,3	30 030	88,1
50 dracmas	0,14	222,9	11 145	32,7
20 dracmas	0,06	294,9	5 898	17,3
10 dracmas	0,03	453,6	4 536	13,3
5 dracmas	0,01	417,3	2 086	6,1
2 dracmas		202,7	405	1,2
1 dracma		109,3	109	0,3
Total:		2 001,0	54 209	159,0

Nota: Não inclui moedas comemorativas correntes de prata (500 dracmas)

A abundância de papel-moeda em circulação e a sua utilização preferencial nas transacções correntes ficou expresso no elevado rácio do meio circulante em função do PIB – 7,5% no final de 2000, só superado pelo da Espanha. O baixo valor das denominações das notas de banco contribuiu para um índice *per capita* da circulação fiduciária muito reduzido, 844 euro/habitante.

QUADRO II

Circulação monetária na área do Euro em 2002

Área do euro			Meio Circulante Útil		Notas de Banco — valor	Moeda Metálica Corrente (MMC)					Contribuição nacional — (% do total)		
Estados	POP. — (mio.)	PIB <i>per capita</i> — (EUR/hab.)	(MCU - valor)			Valor		Peso no MCU — % valor	Quantidade		MCU	MMC	PIB
			valor	% PIB		EUR (mio.)	<i>per capita</i>		moedas (mio)	<i>per capita</i>			
Portugal	10,18	12.691,6	5.622,5	4,4	5.341,3	281,2	28	5,0	1.023,7	101	1,5	2,3	1,8
Espanha	40,90	16.966,4	56.939,2	8,2	54.804,8	2.134,4	52	3,7	6.787,5	166	15,3	17,2	9,8
França	59,48	25.568,3	37.592,7	2,5	36.037,5	1.555,2	26	4,1	5.437,3	91	10,1	12,5	21,5
Irlanda	3,92	32.919,9	6.127,0	4,7	5.770,9	356,1	91	5,8	1.591,2	406	1,7	2,9	1,8
Bélgica	10,33	25.241,4	7.419,8	2,8	6.879,2	540,6	52	7,3	1.512,9	146	2,0	4,3	3,7
Luxemburgo	0,44	50.773,9	9.919,8	44,4	9.862,1	57,7	131	0,6	157,1	357	2,7	0,5	0,3
<i>Belux</i>	<i>10,77</i>	<i>26.284,5</i>	<i>17.339,6</i>	<i>6,1</i>	<i>16.741,3</i>	<i>598,3</i>	<i>56</i>	<i>3,5</i>	<i>1.670,0</i>	<i>155</i>	<i>4,7</i>	<i>4,8</i>	<i>4,0</i>
Países Baixos	16,14	27.512,4	16.204,4	3,6	15.529,8	674,6	42	4,2	2.236,4	139	4,4	5,4	6,3
Finlândia	5,20	26.871,9	3.114,5	2,2	2.878,1	236,4	45	7,6	561,4	108	0,8	1,9	2,0
Alemanha	82,49	25.557,0	132.483,5	6,3	128.879,4	3.604,1	44	2,7	11.425,1	139	35,7	29,0	29,8
Áustria	8,05	26.935,5	17.462,9	8,1	17.012,1	450,8	56	2,6	1.372,4	170	4,7	3,6	3,1
Itália	57,69	21.812,3	68.556,5	5,4	66.389,4	2.167,1	38	3,2	6.760,6	117	18,5	17,4	17,8
Grécia	10,63	13.276,8	9.526,1	6,7	9.150,9	375,2	35	3,9	1.087,4	102	2,6	3,0	2,0
Total	305,45	23.127,7	370.968,9	5,3	358.535,5	12.433,4	41	3,4	39.953,0	131	100,0	100,0	100,0

Unidades: Valor – milhões de Euro; Quantidade – milhões de habitantes ou de moedas
Per Capita em Valor – EUR/hab.; Per Capita em Quantidade – Moedas/hab.
Data de referência: 31 de Dezembro de 2002

3. A área do euro em 2002

3.1. O primeiro ano de circulação do euro em Portugal

Terminado o período de dupla circulação a 31 de Março de 2002, os portugueses começaram a ser confrontados com duas situações nada habituais no giro monetário nacional. Por um lado, generalizou-se a sensação de que havia maior abundância de moeda metálica do que na época pré-euro e, por outro lado, notava-se uma migração crescente de moedas de cunho espanhol, particularmente visível nas moedas de 1 e 2 euro.

QUADRO II A

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área euro	Portugal		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	46,3	92,6	1,8
1 euro	3 553,6	86,5	86,5	2,4
50 cents	3 658,3	103,5	51,8	2,8
20 cents	4 977,8	118,2	23,6	2,4
10 cents	5 515,2	129,0	12,9	2,3
5 cents	5 984,2	164,9	8,2	2,7
2 cents	6 711,8	178,2	3,6	2,7
1 cent	7 052,4	197,1	2,0	2,8
Total:	39 953,1	1 023,7	281,2	2,3

Nota: A circulação na área do euro é indicada em quantidade de moedas por ser esta a forma utilizada na troca de informação ao nível do CIS (Currency Information System) do Banco Central Europeu.

As estatísticas da contribuição portuguesa para a circulação da área do euro não só confirmam estas duas situações, como também sublinham a “escassez crónica de trocos” verificada nos últimos anos do escudo. De facto, o peso da moeda metálica na circulação monetária útil passou de 3,5 para 5% com a introdução do euro. Esta subida, que contraria a tendência inversa da média europeia e só encontra paralelo na Itália e na Grécia, ficou a dever-se, sobretudo, a duas variações de sinal contrário: o peso das notas baixou 13,7% (de 6,2 para 5,3 mil milhões de euros) e o peso das moedas aumentou quase 24% (de 227 para 281 milhões de euros).

A moeda de 1 euro, que substituiu a de 200 escudos, viu a sua circulação aumentar 26% (de 68,7 para 86,5 milhões de unidades); e a moeda de 2 euro, que ocupou o lugar da nota de 500 escudos, teve uma circulação acrescida de 40% em quantidade (passou de 33,1 para 46,3 milhões de unidades), confirmando-se a subvalorização do meio circulante português na época pré-euro e a consequente escassez de trocos.

Quanto à invasão de euromoedas de cunho espanhol, ela foi muito facilitada pela austeridade da política emissora portuguesa, comparada com o vigor da emissão espanhola: enquanto em Portugal o índice *per capita* em valor era de 28 euro/habitante, muito inferior ao da média europeia de 41 euro/habitante, reflectindo sobretudo a fraca circulação das moedas de 1 e de 2 euro (113,8 milhões de unidades), de que o mercado carecia, em Espanha esse índice era cerca do dobro (54 euro/habitante), com um avassalador volume quase dez vezes superior nessas espécies (1 088 milhões de unidades).

Se se tiver em conta que a cunhagem e emissão das moedas de 1 e 2 euro proporciona ao Estado emissor, em média, uma receita líquida de “lucros de amodação” de 2,72 euro (92 cents na moeda de 1 euro; 190 cents na moeda de 2 euro ⁵), ou seja, serão 27,2 milhões de euros numa emissão de 10+10 milhões de unidades, fácil é realizar o enorme prejuízo económico (e orçamental) causado ao Tesouro português pela política artificialmente restritiva e negligente do Banco de Portugal, na emissão de moeda metálica no primeiro ano de circulação do euro, em favor do Tesouro espanhol.

3.2. O primeiro ano de circulação do euro em Espanha

A transição para o euro fiduciário em Espanha pode ser resumida em duas palavras: estabilidade e inovação. Desaparecidas as barreiras cambiais das

⁵ Custo industrial das moedas de euro cunhadas na Real Casa de la Moneda de Madrid: *moeda de 1 euro* – 80 euros por milheiro; *moeda de 2 euro* – 100 euros por milheiro.

diferentes moedas nacionais, que camuflavam aos olhos do público as reais fraquezas ou fortalezas dos diversos Estados-membros da União Europeia, a Espanha surge na área do euro evidenciando toda a sua pujança económica, revelada na clareza dos números estatísticos: é o terceiro país com a maior contribuição em valor para a circulação monetária comum (15,3%, sendo de 17,2% nas moedas metálicas), ultrapassando a França e a pouca distância da Itália. Neste aspecto, representa dez vezes o valor da contribuição de Portugal, para uma população apenas quatro vezes maior.

QUADRO II B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Espanha		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	333,8	667,6	13,3
1 euro	3 553,6	754,1	754,1	21,2
50 cents	3 658,3	736,1	368,0	20,1
20 cents	4 977,8	825,6	165,1	16,6
10 cents	5 515,2	980,6	98,1	17,8
5 cents	5 984,2	961,7	48,1	16,4
2 cents	6 711,8	1 142,5	22,9	17,0
1 cent	7 052,4	1 053,1	10,5	14,9
Total:	39 953,1	6 787,5	2 134,4	17,2

Dos sinais monetários emitidos e em circulação no final do primeiro ano do euro fiduciário, a moeda metálica espanhola detinha um peso de 3,7%, praticamente idêntico ao da época pré-euro, correspondente a um índice *per capita* em valor de 57 euro/habitante e, em quantidade, de 172 moedas/habitante, bem acima da média europeia (41 euro e 132 moedas/habitante, respectivamente).

Neste domínio, a transição fez-se com grande estabilidade monetária, apesar de terem sido emitidos valores fiduciários muito superiores aos existentes nos últimos anos da peseta: o valor das notas em circulação em 2002 diminuiu apenas 4% em relação a 2000, e a redução verificada na moeda metálica foi inferior a 6%, pequenos reajustamentos para tão grande mudança.

No conjunto do numerário metálico circulante na área do Euro em 2002, uma em cada cinco moedas de 1 euro e de 50 cêntimos têm cunho espanhol, transportando além fronteiras as imagens emblemáticas inovadoras de um país que se afirma como uma das grandes potências europeias, sem esquecer o que de mais essencial existe na modernidade da sua cultura tradicional.

No conjunto do numerário metálico circulante na área do Euro em 2002, uma em cada cinco moedas de 1 euro e de 50 cêntimos têm cunho espanhol, transportando além fronteiras as imagens emblemáticas inovadoras de um país que se afirma como uma das grandes potências europeias, sem esquecer o que de mais essencial existe na modernidade da sua cultura tradicional.

3.3. O primeiro ano de circulação do euro na França

No caso da França, os indicadores estatísticos registados antes e depois da introdução do euro fiduciário revelam as profundas mutações, de sinal negativo, verificadas no meio circulante. Com uma população que ronda 20% do número de habitantes da área do euro, e uma contribuição nacional para o PIB da mesma ordem de grandeza, a circulação monetária do franco francês detinha em 2000 uma quota-parte equivalente, em valor, de 12,3%, distribuída por notas e por moedas metálicas, o que já era por si bem revelador da fraca utilização de numerário nas transações correntes. No final de 2002, essa contribuição para a circulação monetária comum ficou reduzida a 10%.

Este fenómeno teve particular expressão na moeda metálica circulante, cujos índices *per capita* em quantidade e em valor baixaram, respectivamente, de 318 para 91 moedas/habitante (uma quebra de 71%), e de 46 para 26 euro/habitante (uma redução de 43%), colocando a França na cauda da escala do euro, atrás de Portugal, da Grécia e da Itália.

A explicação para este facto reside na longevidade das espécies metálicas em circulação na época pré-euro, uma situação comum a vários outros países: o *stock* estatístico das moedas denominadas em Francos, contabilizado de forma cumulativa ao longo de 40 anos de emissão continuada, não correspondia à realidade do mercado monetário no final de 2000, já que não entrava em conta com a moeda entretanto perdida, exportada ou guardada.

QUADRO III B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	França		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	329,6	659,2	13,2
1 euro	3 553,6	432,1	432,1	12,1
50 cents	3 658,3	392,6	196,3	10,7
20 cents	4 977,8	625,5	125,1	12,6
10 cents	5 515,2	722,7	72,3	13,1
5 cents	5 984,2	762,7	38,1	12,7
2 cents	6 711,8	1 040,2	20,8	15,5
1 cent	7 052,4	1 131,9	11,3	16,0
Total:	39 953,1	5 437,3	1 555,2	12,5

A passagem para o euro e a entrada em circulação de notas com denominações muito altas, não alterou os arraigados hábitos franceses de utilização preferencial do cheque como meio de pagamento. O valor da circulação fiduciária regrediu quase 22%, situando-se no final de 2002 num índice *per capita* de 606 euro/habitante, para uma média europeia de 1174 euro/habitante. Neste domínio, a força do hábito francês é enorme, contribuindo para um rácio do meio circulante em função do PIB de 2,5%. Ou seja, a cultura do cheque bancário em França ocupa um lugar tão importante como a sofisticada rede de pagamentos electrónicos da Finlândia, onde esse rácio é de 2,2%.

O caso da emissão de moeda metálica de cunho francês merece também uma comparação com o meio circulante em Espanha, na Itália e na Alemanha, tão gritantes são as diferenças de hábitos e de políticas verificadas. Enquanto os dois últimos registam emissões de moeda metálica perfeitamente adequadas e conforme as suas contribuições nacionais para o PIB comum, e a Espanha quase que duplica esse seu índice emissor, como que estravassando na moeda metálica toda a sua ânsia de predomínio e de visibilidade, a França, pelo contrário,

encolhe a função emissora para bem perto da metade da sua contribuição nacional para o PIB dos Doze.

3.4. O primeiro ano de circulação do euro na Irlanda

A Irlanda faz parte de um grupo exclusivo de quatro países, juntamente com a Áustria, a Grécia e o Luxemburgo, que viram o seu meio circulante aumentar de valor no primeiro ano de circulação do euro fiduciário, quando a tendência generalizada foi de baixa. Para esse aumento contribuiu exclusivamente a circulação de notas, cujo montante progrediu 15,5% (passou de 5 para 5,7 mil milhões de euros), ao passo que a circulação das moedas metálicas regrediu 5% (passou de 374,7 para 356,1 milhões de euros).

QUADRO IV B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Irlanda		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	65,3	130,7	2,6
1 euro	3 553,6	92,6	92,6	2,6
50 cents	3 658,3	100,0	50,0	2,7
20 cents	4 977,8	178,6	35,7	3,6
10 cents	5 515,2	230,5	23,0	4,2
5 cents	5 984,2	288,2	14,4	4,8
2 cents	6 711,8	323,8	6,5	4,8
1 cent	7 052,4	312,2	3,1	4,4
Total:	39 953,1	1 591,2	356,1	2,9

A retirada de circulação das antigas moedas denominadas em libras irlandesas e a sua substituição por moedas euro, veio confirmar o que já anteriormente tinha sido dito, de que a circulação metálica na época pré-Euro estava muito sobrevalorizada, por virtude dos trinta anos de emissões continuadas. O índice *per capita* em quantidade sofreu uma quebra superior a 40% entre 2000 e 2002, passando de 695 para 406 moedas/habitante, correspondente ao reajustamento das moedas que efectivamente não circulavam. Mesmo assim, a Irlanda atinge o topo da escala da área do euro neste indicador, destacando-se claramente do segundo classificado, a Áustria, com 170 moedas/habitante.

Menos acentuada foi a quebra verificada no índice *per capita* em valor, apenas 7%, fixando-se nos 91 euro/habitante em 2002, outro valor máximo da área do Euro, como resultado da substituição da moeda de 1 libra pelas moedas de 1 e 2 euro, responsáveis por 63% da circulação total. Deste facto resultou que a moeda metálica passou a representar um peso de 5,8% no meio circulante emitido pela Irlanda, bem acima da média europeia de 3,4%.

A abundância de numerário metálico é uma das características peculiares da circulação monetária irlandesa, que se manteve com a passagem para o euro. Para um país cuja população apenas representa 1,3% do total da área do euro e cujo contributo para o PIB comum ronda os 1,8%, as moedas com a harpa céltica, símbolo da unidade política irlandesa, representavam 2,9% da massa metálica em circulação em 2002.

3.5. O primeiro ano de circulação do euro na Bélgica

A introdução do euro fiduciário trouxe profundas modificações na estrutura do meio circulante belga, cuja análise tem de ser feita tendo em conta a situação na época pré-euro, quando este país e o Luxemburgo formavam uma união económica, com uma circulação monetária conjunta. Desta união resultou que um elevado número de notas belgas encontrava-se em circulação no território do Grão-Ducado, uma situação que terminou em 2002.

Com a passagem ao euro, o valor das notas em circulação na Bélgica ficou reduzido em quase 50% (o índice *per capita* passou de 1.315 euro para 606 euro/habitante), enquanto na moeda metálica essa redução foi apenas de 8%. No entanto, a massa metálica circulante sofreu também uma acentuada quebra em quantidade (62,7%), tendo passado de 4 para 1,5 mil milhões de moedas.

A explicação para estas variações negativas tão acentuadas tem a ver com a estrutura do sistema de moeda na época do franco belga, composto apenas por cinco denominações, com valores que variavam entre 50 eurocents e 1,2 euro.

Com a introdução do novo sistema europeu de oito denominações, das quais cinco inferiores a 50 cêntimos, o volume de moeda emitida foi distribuído por todas elas, daí resultando uma menor quantidade na circulação, muito embora com um valor quase equivalente ao anterior, como resultado de uma circulação forte em moedas de 1 e de 2 euro.

Os índices *per capita* da moeda metálica em circulação ilustram bem esta nova situação: em 2000, a Bélgica detinha 391 moedas e 58 euro/habitante, tendo passado para 146 moedas e 52 euro/habitante em 2002. No conjunto do meio circulante, o peso da moeda metálica subiu de 4,2 para 7,3%, como resultado da grande redução verificada na circulação das notas, situando-se em segundo lugar na escala do Euro.

QUADRO V B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Bélgica		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	126,0	252,0	5,0
1 euro	3 553,6	143,3	143,3	4,0
50 cents	3 658,3	138,9	69,5	3,8
20 cents	4 977,8	196,7	39,3	3,9
10 cents	5 515,2	177,5	17,8	3,2
5 cents	5 984,2	215,5	10,8	3,6
2 cents	6 711,8	276,8	5,5	4,1
1 cent	7 052,4	238,2	2,4	3,4
Total:	39 953,1	1 512,9	540,6	4,3

Pouco habituados a este facto, os belgas são desde então confrontados com uma circulação monetária abundante de espécies metálicas diferentes, contribuindo com 4,3% para a circulação total da área do euro. No cômputo

geral, o novo meio circulante belga apenas representa 2,8% em valor do PIB nacional, um indicador que dá conta da fraca utilização de notas nas transações correntes.

A mudança para o euro fiduciário foi acompanhada pela abolição dos Eurocheques, o que veio acelerar o declínio no uso de cheques na Bélgica e favoreceu o desenvolvimento de sistemas de pagamento por cartões electrónicos: em 2002, o número de cheques de baixo valor apresentados à cobrança apenas representava 28% de igual estatística de 1996.

3.6. O primeiro ano de circulação do euro no Luxemburgo

À semelhança do que aconteceu na Bélgica, o primeiro ano de circulação do euro saldou-se por uma grande reviravolta na qualidade e quantidade dos sinais monetários emitidos pelo Grão-Ducado do Luxemburgo, mas neste caso com sinal positivo.

A retirada das notas belgas e a sua substituição por notas denominadas em euro emitidas pelo Banco Central do Luxemburgo, fez aumentar prodigiosamente o valor do meio circulante neste pequeno território no final de 2002 (8 500%), que assim passou a contribuir com 2,7% para a circulação monetária da área do euro. O efeito de migração neste pequeno território foi imediato, pelo que o volume dos sinais monetários emitidos é muito pouco representativo do volume efectivamente em circulação no Luxemburgo.

A circulação das moedas metálicas, emitidas pelo Tesouro do Grão-Ducado, também registou um aumento significativo. O peso da moeda metálica na circulação monetária luxemburguesa, que na época pré-euro se encontrava muito distorcido pelo elevado número de notas belgas circulantes, encontrou em 2002 a sua verdadeira dimensão, tendo passado de 19,8% para 0,6%, um valor quase idêntico ao da sua contribuição para a massa metálica circulante na área do euro.

Os índices *per capita* em quantidade e em valor, que no final de 2000 eram, respectivamente, de 214 moedas e 52 euro/habitante, fixaram-se com a passagem ao euro em 357 moedas e 131 euro/habitante, sendo este último o maior valor registado em toda a área do euro. No entanto, é sabido que estes índices foram muito inflacionados pela enorme procura registada por parte de colecionadores e comerciantes da especialidade. Sem exagero, pode-se afirmar que metade da quantidade total das moedas luxemburguesas emitidas em 2002 acabaram no circuito internacional do coleccionismo numismático, obrigando o banco central a intervir e a suspender vultuosas encomendas de particulares e comerciantes.

QUADRO VI B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Luxemburgo		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	13,7	27,4	0,5
1 euro	3 553,6	14,7	14,7	0,4
50 cents	3 658,3	16,0	8,0	0,4
20 cents	4 977,8	18,5	3,7	0,4
10 cents	5 515,2	19,3	1,9	0,3
5 cents	5 984,2	20,9	1,0	0,3
2 cents	6 711,8	27,8	0,6	0,4
1 cent	7 052,4	26,2	0,3	0,4
Total:	39 953,1	157,1	57,6	0,5

Se se considerar que as profundas mutações verificadas na circulação monetária pós-euro são ainda um reflexo da anterior situação, quando o território belga-luxemburguês era um todo monetário, os índices *per capita* conjuntos destes dois Estados apresentam valores mais realistas, sendo de 155 moedas/habitante e 56 euro/habitante. Mesmo assim, dos mais elevados da área do euro, pelas razões acima indicadas.

3.7. O primeiro ano de circulação do euro nos Países Baixos

O meio circulante nos Países Baixos acompanhou a baixa registada em 2002 na maioria dos países da área do euro, em consequência da redução de 11% verificada no valor das notas em circulação (passou de 17,4 para 15,5 mil milhões de euros). Muito mais significativa foi a contracção da moeda metálica após a introdução do euro: 48% em valor (passou de 1294,4 para 674,6 milhões de euros).

QUADRO VII B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Países Baixos		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	156,0	311,9	6,2
1 euro	3 553,6	149,1	149,1	4,2
50 cents	3 658,3	202,5	101,2	5,5
20 cents	4 977,8	261,8	52,4	5,3
10 cents	5 515,2	299,7	30,0	5,4
5 cents	5 984,2	353,3	17,7	5,9
2 cents	6 711,8	414,8	8,3	6,2
1 cent	7 052,4	399,1	4,0	5,7
Total:	39 953,1	2 236,3	674,6	5,4

À semelhança de outros países, que tinham em circulação espécies emitidas desde há trinta, quarenta ou mais anos, o volume de moeda metálica efectivamente existente na circulação holandesa, no final de 2000, era muito inferior ao total acumulado desde os primeiros anos de emissão, não reflectindo, por isso, a realidade do mercado monetário no período de transição para o euro. A substituição integral das moedas metálicas nacionais pelas moedas denominadas em euro veio evidenciar esse facto: nos Países Baixos, os índices *per capita* em quantidade e em valor sofreram reajustamentos muito fortes, tendo passado, respectivamente, de 403 para 139 moedas/habitante (uma quebra de 65%), e de 81 para 42 euro/habitante (menos 48%).

As moedas bimetálicas de 1 e 2 euro, que substituíram as anteriores moedas de 2,5 florins (1,1 euro) e de 5 florins (2,2 euro), viram o volume da sua circulação reduzido em 20%, mas a sua importância nos pagamentos a retalho

saíu reforçada, passando a representar 68% do valor total circulante. Muito diferente foi a transição verificada entre moeda de 1 florim (45 eurocents) e a nova moeda de 50 cêntimos, que sofreu uma quebra em valor e em quantidade superior a 70%.

Destes reajustamentos resultou também que a moeda metálica emitida pelos Países Baixos passou a ter um peso mais realista de 4,2% no meio circulante nacional, contribuindo com 5,4% para a circulação comum.

O rápido desenvolvimento dos sistemas electrónicos de pagamento reduziu a necessidade de utilização de notas nos pagamentos correntes. No final de 2002, o índice *per capita* em valor da circulação fiduciária holandesa situava-se nos 962 euro/habitante, para uma média europeia de 1.174 euro/habitante. A razão de 3,6% do meio circulante para o PIB, reflectia esta situação, num país onde a utilização de cheques é praticamente inexistente.

3.8. O primeiro ano de circulação do euro na Finlândia

No final de 2002, o meio circulante na Finlândia reflectia a eficiência com que todo o processo de transição para o euro foi desencadeado e concluído. O valor das notas e das moedas emitidas pelo Banco da Finlândia e em circulação, apresentou uma ligeira contracção de 3% com relação a 2000 (passou de 3,2 para 3,1 mil milhões de euros), o que permitiu manter a contribuição nacional para a circulação monetária da área do Euro em 0,8%.

No entanto, estes indicadores de estabilidade global escondem uma mutação significativa na área da moeda metálica, como resultado da decisão de se arredondarem todos os pagamentos em numerário para múltiplos de 5 cêntimos de euro, uma denominação equivalente a três vezes o valor da anterior moeda de 10 penniä (1,7 cêntimos). O índice *per capita* em quantidade, que na época pré-euro era de 395 moedas /habitante, sendo maioritariamente constituído por essa espécie, sofreu uma forte redução de 73%, para 108 moedas/habitante.

Apesar destes reajustamentos, a Finlândia continuou a deter a mais elevada percentagem de espécies metálicas na circulação monetária de todos os países da área do euro (7,6%), enquanto a crescente procura de moedas de denominações altas manteve relativamente estável o índice *per capita* em valor, que passou de 49 para 45 euro/habitante

A passagem para o euro permitiu fixar em 2,2% o novo rácio do meio circulante finlandês em função do PIB, mantendo-se o mais baixo de toda a área do euro, obtido à custa da substituição das notas de banco por outros meios de pagamento electrónico. Mesmo assim, o indicador *per capita* da circulação

fiduciária, de 553 euro/habitante, conseguia ser superior ao de Portugal, que ocupava em 2002 o último lugar, com 525 euro/habitante.

QUADRO VIII B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Finlândia		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	51,9	103,8	2,1
1 euro	3 553,6	59,1	59,1	1,7
50 cents	3 658,3	59,6	29,8	1,6
20 cents	4 977,8	122,5	24,5	2,5
10 cents	5 515,2	123,6	12,4	2,2
5 cents	5 984,2	129,9	6,5	2,2
2 cents	6 711,8	7,3	0,1	0,1
1 cent	7 052,4	7,3	0,1	0,1
Total:	39 953,1	561,3	236,3	1,9

A introdução física do euro ficou também marcada por um novo fenómeno, a migração intra-comunitária de notas e moedas, transportadas não só por turistas, mas sobretudo por transferências de numerário. No caso da Finlândia, pesquisas realizadas em Dezembro de 2002 revelaram que cerca de 5% das notas em circulação tinham códigos de outros emissores.

3.9. O primeiro ano de circulação do euro na Alemanha

O primeiro ano de circulação do euro veio revelar a real dimensão da massa metálica circulante na Alemanha, que na época pré-Euro estava muito inflacionado por mais de cinquenta anos de emissões continuadas: o índice *per*

capita em quantidade caiu 76,4%, tendo passado de 590 para 139 moedas/habitante em 2002, um pouco acima da média europeia.

O reajustamento verificado no meio circulante alemão teve uma amplitude muito mais modesta, ficando reduzido em 5,5% apenas (passou de 140,2 para 132,5 mil milhões de euros). O valor *per capita* das notas sofreu um pequeno decréscimo de 3,8%, tendo passado de 1630 para 1562 euro/habitante, mantendo-se no segundo lugar da escala do euro, atrás da Áustria; e o valor *per capita* das moedas metálicas sofreu forte contracção de 41,3%, passando para 44 euro/habitante.

Como resultado destes reajustamentos, o peso da moeda metálica passou a ser de 2,7%, no limite inferior da escala do euro. O meio circulante manteve uma forte posição de 6,3% na razão em função do PIB, continuando a reflectir a preferência do público na utilização de numerário nos pagamentos a retalho.

QUADRO IX B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Alemanha		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	831,6	1 663,2	33,3
1 euro	3 553,6	921,0	921,0	25,9
50 cents	3 658,3	897,0	448,5	24,5
20 cents	4 977,8	1 351,5	270,3	27,1
10 cents	5 515,2	1 549,8	155,0	28,1
5 cents	5 984,2	1 698,3	84,9	28,4
2 cents	6 711,8	1 934,4	38,7	28,8
1 cent	7 052,4	2 241,4	22,4	31,8
Total:	39 953,1	11 425,0	3 604,0	28,3

É ainda de assinalar a grande emissão registada nas moedas de 1, 2 e 5 eurocents, correspondendo a 51% da quantidade total, um fenómeno que tem na

Alemanha uma expressão muito particular. De facto, os alemães sempre foram na era do marco, continuando a tê-lo com o euro, os grandes utilizadores das moedas de baixo valor facial, pois os preços, qualquer que seja o seu montante, continuaram a ser afixados em 99 décimas da unidade monetária, seguindo uma técnica de marketing muito usual, o que obriga a dar de troco os pequenos eurocents.

Sendo a Alemanha o maior contribuinte líquido para a área do euro, esta posição dominante reflecte-se naturalmente na circulação monetária comum: 35,2% do valor das notas e 38,6% do valor das moedas metálicas em circulação no final de 2002 tiveram origem na emissão alemã. No caso das moedas, uma em cada três moedas de 2 euro, e uma em cada quatro moedas de 1 euro e de 50 cêntimos, em circulação na área do euro, têm cunho alemão.

3.10. O primeiro ano de circulação do euro na Áustria

Ao contrário da Alemanha e da maioria dos outros países da área do euro, os sinais monetários emitidos pela Áustria aumentaram cerca de 20% em valor com a introdução do euro fiduciário, tendo passado de 14,6 para 17,5 mil milhões de euros, aumento esse obtido exclusivamente à custa da emissão de papel-moeda.

Com efeito, na época pré-euro a massa metálica em circulação na Áustria era representada por um índice *per capita* em valor de 68 euro/habitante, correspondente, em quantidade, a 759 moedas/habitante, o maior do conjunto dos Doze. No entanto, estes índices estavam muito inflacionados pela longevidade das espécies metálicas mais abundantes, cujo primeiro ano de emissão remontava à década de 1950, não entrando em consideração com as perdas entretanto ocorridas.

Com a passagem para o euro, o volume de moeda metálica circulante sofreu um reajustamento muito acentuado, passando para 170 moedas/habitante no final de 2002 (uma quebra de 77,6%), enquanto o índice *per capita* em valor, influenciado pelo lançamento em circulação de moedas com denominações de valor mais elevado que as das anteriores moedas do xelim austríaco, regredia apenas 18%, para 56 euro/habitante.

No conjunto da área do euro, a Áustria figurava em segundo lugar na escala destes índices, situando-se entre a Irlanda e a Espanha, e igualando o conjunto da Bélgica-Luxemburgo. Contudo, internamente, o peso da moeda metálica na circulação monetária era o mais pequeno de entre todos, apenas 2,6%, contra uma média europeia de 3,4%, reflectindo o seu pequeno valor nos meios de pagamento líquidos, dominados por uma abundante utilização de notas.

QUADRO X B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Áustria		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	105,4	210,8	4,2
1 euro	3 553,6	114,1	114,1	3,2
50 cents	3 658,3	112,9	56,4	3,1
20 cents	4 977,8	166,0	33,2	3,3
10 cents	5 515,2	192,8	19,3	3,5
5 cents	5 984,2	191,8	9,6	3,2
2 cents	6 711,8	249,6	5,0	3,7
1 cent	7 052,4	239,8	2,4	3,4
Total:	39 953,1	1 372,4	450,8	3,6

De facto, com a passagem para o euro, a Áustria reforçou a sua liderança absoluta na escala do valor *per capita* das notas em circulação (Luxemburgo excluído), passando para 2113 euro/habitante; e, com a nova razão de 8,1% do meio circulante em função do PIB, conseguiu na prática igualar a Espanha, consagrando-se como um dos países que maior uso fazem de numerário nos pagamentos quotidianos e correntes.

O efeito da migração intra-comunitária de notas e moedas teve na Áustria uma importância reforçada, devido à sua posição geográfica. Dos vários estudos efectuados em 2002, concluiu-se que, logo no final desse primeiro ano, 20% das moedas metálicas e 40% das notas em circulação procediam de outros Estados emissores, sobretudo da Alemanha e da Itália.

3.11. O primeiro ano de circulação do euro na Itália

A Itália é o terceiro maior país da área do euro em população, contribuindo com 19% do número de habitantes. Coincidentemente, esse é também o peso da sua contribuição para a circulação monetária comum, que se manteve estável na transição para o euro fiduciário. No entanto, a Itália ocupa agora o segundo lugar na escala dos emissores de moeda metálica, à frente da França e da Espanha.

A introdução do euro fez regredir o meio circulante italiano em cerca de 10% (passou de 76,5 para 68,5 mil milhões de euros, entre 2000 e 2002), como resultado de um reajustamento de magnitude semelhante no valor das notas e de uma forte subida de 66% no montante do numerário metálico em circulação, que passou de 1,31 para 2,17 mil milhões de euros. A explicação para estas variações de sinais contrários tem a ver com a composição da circulação monetária na época da lira, quando a moeda metálica ocupava um lugar muito subalterno e pouco explorado, representando apenas 1,7% em valor, a mais baixa percentagem do conjunto dos Doze.

QUADRO XI B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Itália		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	357,3	714,6	14,3
1 euro	3 553,6	694,6	694,6	19,5
50 cents	3 658,3	800,1	400,0	21,9
20 cents	4 977,8	931,2	186,2	18,7
10 cents	5 515,2	913,8	91,4	16,6
5 cents	5 984,2	997,0	49,8	16,6
2 cents	6 711,8	968,7	19,4	14,4
1 cent	7 052,4	1 097,9	11,0	15,6
Total:	39 953,1	6 760,6	2 167,0	17,4

A passagem para o euro teve o condão de acabar de vez com um sistema monetário obsoleto, com notas de denominações tão baixas que ocupavam o lugar da moeda metálica (1000 liras, ou 50 eurocents). As novas moedas provocaram uma enorme revolução nos hábitos de uma população pouco habituada a lidar com numerário metálico de valor tão elevado: o peso da moeda metálica na circulação quase que duplicou, tendo passado para 3,2%, muito próximo da média europeia registada no final desse ano.

Os índices *per capita* associados à emissão italiana no primeiro ano de circulação do euro dão conta do que realmente aconteceu: a quantidade de moedas diminuiu, de 270 para 117 unidades/habitante, mas o seu valor aumentou, de 23 para 38 euro/habitante, contribuindo com 17,4% para a massa metálica em circulação no conjunto dos Doze.

3.12. O primeiro ano de circulação do euro na Grécia

De todos os países da área do euro (com excepção do Luxemburgo), a Grécia foi quem registou no final de 2002 as maiores variações de sinal positivo no valor e no peso da moeda metálica em circulação.

A contribuição grega para o montante total de numerário metálico circulante, que na época da dracma era de 1% (a menor de todas, correspondente a um índice *per capita* de 15 euro/habitante), triplicou com o lançamento do euro, aproximando-se do peso da população grega no conjunto dos Doze (3,5%).

Os índices associados à emissão monetária da Grécia revelam o enorme impulso que a moeda única trouxe à modernização do meio circulante nacional, muito especialmente na área da moeda metálica. O valor das notas em circulação cresceu quase 22% (passou de 7,8 para 9,5 mil milhões de euros, entre 2000 e 2002), mas o valor das moedas metálicas sofreu um impressionante reajustamento de 136% (de 159 para 375,2 milhões de euro).

Esta variação de tão grande magnitude, no curto espaço de um ano, teve origem no sistema monetário da dracma grega, que era caracterizado por notas e moedas de muito baixo valor: nas notas, a denominação mais alta correspondia a cerca de 30 euro (10 000 dracmas) e a mais baixa a 30 cêntimos (100 dracmas); nas moedas, as denominações variavam entre 0,3 cêntimos (1 dracma) e 30 cêntimos (100 dracmas).

QUADRO XI B

Moeda metálica euro em circulação em 2002

Valor facial das moedas	Área Euro	Grécia		
	quantidade (milhões)	quantidade (milhões)	valor EUR (milhões)	contribuição (% EUR)
2 euro	2 499,8	82,7	165,4	3,3
1 euro	3 553,6	92,4	92,4	2,6
50 cents	3 658,3	99,0	49,5	2,7
20 cents	4 977,8	181,7	36,3	3,6
10 cents	5 515,2	175,9	17,6	3,2
5 cents	5 984,2	200,1	10,0	3,3
2 cents	6 711,8	147,5	2,9	2,1
1 cent	7 052,4	108,1	1,1	1,6
Total:	39 953,1	1 087,4	375,2	3,0

Retiradas as anteriores espécies da circulação, as novas moedas adequaram-se às necessidades do mercado: menor quantidade (102 moedas/habitante), para um maior valor circulante (35 euro/habitante). No conjunto dos meios de pagamento líquidos, a variação do peso do numerário metálico mais que duplicou: passou de 1,8% para 3,9% no final de 2002, situando-se agora no escalão superior da área do euro.

QUADRO III

Variação da circulação monetária na área do euro 2000 – 2002

Estados	Meio Circulante Útil (variação em valor)			Moeda Metálica Corrente (variação dos índices)			
	Meio Circulante (%)	Notas de banco (%)	Moedas Metálicas (%)	Peso no MCU		Valor per capita (%)	Quant. per capita (%)
				2000	2002		
Portugal	- 12,3	- 13,7	+ 23,7	3,5	5,0	+ 27,3	- 25,2
Espanha	- 4,2	- 4,1	- 5,8	3,8	3,7	- 7,1	- 41,5
França	- 22,9	- 21,8	- 42,8	5,6	4,1	- 43,5	- 71,4
Irlanda	+ 14,1	+ 15,5	- 5,0	7,0	5,8	- 7,1	- 41,6
Bélgica	- 47,2	- 48,9	- 8,4	4,2	7,3	- 10,3	- 62,7
Luxemb.	+ 8 533,4	+ 10 608,0	+ 153,1	19,8	0,6	+ 151,9	+ 66,8
<i>Belux</i>	+ 22,3	+ 23,4	- 2,4	4,3	3,5	- 1,8	- 59,6
Países Baixos	- 13,5	- 10,9	- 47,9	6,9	4,2	- 48,1	- 65,5
Finlândia	- 2,6	- 2,3	- 6,1	7,9	7,6	- 8,2	- 72,7
Alemanha	- 5,5	- 3,8	- 41,6	4,4	2,7	- 41,3	- 76,4
Áustria	+ 19,3	+ 21,2	- 25,6	4,1	2,6	- 26,3	- 77,6
Itália	- 10,3	- 11,7	+ 65,6	1,7	3,2	+ 65,2	- 56,7
Grécia	+ 5,0	+ 2,7	+ 136,0	1,8	3,9	+ 133,3	- 46,0
Área do euro	- 6,4	- 5,8	- 22,3	4,0	3,4	- 22,6	- 66,6

4. Reflexos de uma Transição

4.1. Meio circulante

Numa perspectiva global e tendo em conta as assimetrias dos diferentes meios circulantes, a introdução do euro fiduciário e a retirada de circulação das notas e moedas metálicas denominadas nas anteriores moedas nacionais, originou uma contracção de 6,4% no valor da circulação monetária da área do euro, reflectindo sobretudo o reajustamento verificado na emissão das notas do Banco Central Europeu.

No final de 2002, o valor do meio circulante ascendia a 370 969 milhões de euros, sendo de 358 535 milhões de euros a circulação das notas e de 12 433 milhões de euros a circulação das moedas metálicas, cujo volume perfazia 39 953 milhões de unidades. Estes valores correspondiam, respectivamente, em indicadores *per capita*, a 1174 euro-notas/habitante, 41 euro-moedas/habitante e a 131 moedas/habitante.

A transição para o euro teve os seus reflexos mais acentuados na área da moeda metálica, cuja apreciação tem de ser feita comparativamente em valor e em quantidade. Em virtude dos elevados *stocks* estatísticos acumulados desde os primeiros anos de emissão, que não correspondiam à realidade dos mercados, a massa metálica circulante em 2002 ficou drasticamente reduzida a um terço da quantidade total da moeda metálica corrente registada nos relatórios dos Bancos Centrais Nacionais de 2000. Com excepção do Luxemburgo, todos os restantes países registaram variações negativas, nalguns casos de amplitude superior a 70% (França, Finlândia, Alemanha e Áustria).

Diferente foi a evolução verificada nos indicadores em valor, registando-se variações de sinal positivo em quatro países apenas (Portugal, Luxemburgo, Itália e Grécia), como resultado da substituição de sistemas monetários antiquados e já obsoletos, ou com unidades de muito reduzido valor. O peso da moeda metálica no meio circulante útil, que em 2000 registava uma amplitude de variação mínimo/máximo de 6,2 pontos percentuais (Luxemburgo não incluído), viu essa amplitude estreitar-se para os 5 pontos percentuais em 2002, correspondendo a média europeia a 3,4% em valor (mínimo na Áustria com 2,6%; máximo na Finlândia com 7,6%).

4.2. Meios de Pagamento

Merece também particular atenção o indicador da razão MCU/PIB, que traduz os diferentes hábitos nacionais em relação aos meios de pagamento

“numerário” e “não numerário”. Não sendo comparáveis neste processo de transição para o euro fiduciário, apenas se poderá dizer que os novos indicadores de 2002 iniciam uma nova série – com a média europeia nos 5,3% –, cuja evolução ao longo dos anos se irá revelar de grande interesse para o estudo dos meios de pagamento na área do euro. Da cultura bancária electrónica, em forte desenvolvimento e que encontra na Finlândia o seu maior expoente, à cultura do cheque bancário, em declínio acentuado, mas que ainda tem na França a sua maior expressão, a diferença percentual nesta razão MCU/PIB é muito reduzida: 2,2 e 2,5, respectivamente.

O caminho para um mercado monetário europeu mais uniforme passa, assim e sobretudo, pela mudança gradual nos hábitos e na educação das populações, num processo lento que só estará mais consolidado dentro de duas ou três gerações. De qualquer forma, a transição para o euro veio demonstrar que os mais modernos meios de pagamento “não numerário” apenas afectam de forma substancial o uso das notas nas transacções quotidianas correntes, ou seja, a posição da moeda metálica saíu reforçada em todo este processo.

Mas um outro processo existiu à margem deste e uma outra mudança fundamental teve então lugar que obriga a reformular o próprio conceito de valor da moeda metálica.

4.3. A moeda metálica no século XXI: um novo conceito de Valor

O pequeno peso que a moeda metálica corrente detém actualmente na economia monetária retirou-lhe qualquer utilidade como instrumento de intervenção financeira, com uma única excepção: os lucros resultantes das suas amoedações são ainda hoje uma importante fonte de receitas orçamentais não fiscais. Reduzida a um simples objecto metálico de valor fiduciário e de utilidade pública, como auxiliar nos trocos, há muito que a moeda metálica deixou de reflectir a estabilidade económica do Estado emissor e de ser, por isso, intocável nas suas características básicas: corpo metálico, sinal de valor e rosto numismático.

Com a introdução em Janeiro de 2002 das moedas denominadas em euro, caracterizadas por terem o mesmo corpo metálico em cada um dos seus valores representativos, um anverso de desenho comum alusivo à União Europeia e reversos diferentes com desenhos alusivos a cada um dos Estados aderentes, algo de novo aconteceu: a moeda metálica europeia já não se distingue como anteriormente, pelo seu suporte físico, nem muito menos pelos seus sinais de valor, mas sim e exclusivamente pelos seus rostos numismáticos.

Ao uniformizar-se as gravuras das notas de banco, os corpos metálicos e os sinais de valor facial das moedas, ganhou preponderância absoluta no novo sistema monetário europeu a componente numismática das moedas metálicas, ou seja, os seus sinais de cultura, como elementos de afirmação de cada uma das identidades nacionais da área do Euro, culturalmente distintas.

Deste facto resulta que o próprio conceito tradicional economicista de “moeda” no seu sentido mais lato, que a define sempre por aquilo para que ela serve, como medida de valor expresso no seu poder de compra, e nunca por aquilo que ela é em si mesma, deixou de se aplicar à moeda metálica do século XXI.

O exemplo do euro permitiu consolidar esse novo conceito de valor monetário, cujo desenvolvimento na prática já se vinha assistido em vários países, Portugal incluído, desde meados da década de 1980: além da sua função económica tradicional, a moeda metálica deste século apresenta uma componente cultural que se sobrepõe, em importância, ao seu próprio sinal de valor.

Aliás, foi essa componente cultural ou numismática que originou um dos fenómenos mais característicos deste processo de transição para o euro. Estima-se que, em 2002, as encomendas colocadas por grandes firmas comerciantes junto dos Bancos Centrais Nacionais, de colecções das suas moedas metálicas correntes vendidas a granel, situaram-se entre 5 e 7 milhões de séries completas, com um valor de 19 a 27 milhões de euros (cada série tem o valor facial de 3,88 euro), que foram depois embaladas em colecções por países e vendidas por todo o mundo a preços muito superiores, com grande sucesso e aceitaçãoleccionista.

É muito provável que o número mais aproximado da realidade corresponda à quantidade de moedas de 1 cêntimo e de 2 cêntimos emitidas pela Finlândia, que não as lançou na circulação (a Casa da Moeda da Finlândia é uma entidade privada, detida por um grupo económico norueguês, conhecido como o maior comerciante mundial de moedas).

Saber valorizar aos olhos do público esses sinais de cultura, intervindo na concepção numismática das moedas metálicas correntes e diversificando sempre que possível as suas gravuras, será o grande desafio a que iremos assistir nos próximos anos na área do Euro, cujo processo já se encontra em curso ⁶.

⁶ A Recomendação da Comissão Europeia de 29 de Setembro de 2003 (n.º 2003/724//CE, *Jornal Oficial da União Europeia*, de 15 de Outubro de 2003, L 264/38-39), regulamenta a cunhagem e emissão a partir de 2004 de moedas comemorativas correntes de 2 euro destinadas à circulação, bem como, a alteração dos desenhos das faces nacionais a partir de 2009.



FONTES

1. Circulação monetária na área do euro em 2000

PORTUGAL

- Banco de Portugal, *Relatório do Conselho de Administração* - 1997 (1998, 1999, 2000 e 2001).
Actividade do Banco, Emissão monetária: notas e moedas divisionárias e de troco. Nestes mapas da emissão de moeda metálica divisionária e de troco, estão incluídas moedas comemorativas com as mesmas características das moedas das séries normais, bem como, espécimes numismáticos não circulantes (comercializados pela Casa da Moeda) das moedas correntes.
- Trigueiros, António Miguel – *A Grande História do Escudo Português*, Coleções Philae, Lisboa 2003 (2004). Onde constam as emissões de espécimes numismáticos de moedas correntes (divisionárias e de troco) e de moedas comemorativas correntes, cujo volume foi abatido ao montante oficial da emissão de moeda metálica, no cálculo da circulação monetária útil em 2000.

ESPAÑA

- Banco de España, *Informe Anual* - 1997 (1998, 1999, 2000 e 2001).
- Banco de España, *Boletín Estadístico* (Junio 2002): Monedas e billetes denominados en pesetas en circulación (1997 – 2001). Nestes mapas faltam as moedas de 10 e de 200 pesetas correntes, cujo volume em circulação a 31 de Dezembro de 2000 foi objecto de uma informação da Real Casa de la Moneda, de 7 de Março de 2003.

FRANÇA

- Banque de France, *Rapport annuel de la Banque de France* - 1998 (1999, 2000 e 2001).
- Banque de France, Direction des Systèmes de Paiement, Moyens de Paiement: répartition par coupure de la circulation utile des pièces (1997-2001); répartition par coupure de la circulation des billets (1997-2001).

IRLANDA

- Central Bank of Ireland, *Annual Report - 1997* (1998, 1999, 2000 e 2001). Currency Production and Issue.
- Central Bank of Ireland, *Quarterly Bulletin – Winter 2002; Autumn 2003*.

BÉLGICA

- *Annual Report of the National Bank of Belgium - 1998* (1999, 2000 e 2001). General Review of the Bank's Activities (Circulation of Banknotes and Coins).
- Moedas metálicas em circulação a 31 de Dezembro de 2000: informação do Ministério das Finanças belga, de 14 de Março de 2003.

LUXEMBURGO

- Banque Central du Luxemburg, *Rapport Annuel - 1999* (2000 e 2001). Les billets de banque et la circulation des signes monétaires.

PAÍSES BAIXOS

- De Nederlandsche Bank, *General Survey and Annual Report - 1999* (2000 e 2001). Payments and settlements systems, Statistical Annex, Table 2.3: Analysis of the currency circulation (1991 – 2000).

FINLÂNDIA

- Bank of Finland, *Annual Report - 1997* (1998, 1999, 2000 e 2001). Maintenance of the currency supply, Table 16: notes and coin in circulation, at year-end (1996 – 2000).

ALEMANHA

- Deutsches Bundesbank, *Annual Report - 1996* (1997, 1998, 1999, 2000 e 2001). Processing cash payments and cashless payments, Currency in circulation and its pattern (1996 – 2000). Inclui amoedações comemorativas de metais preciosos.

ÁUSTRIA

- Oesterreichische Nationalbank, *Annual Report - 1998* (1999, 2000 e 2001). Statistics: banknotes in circulation; divisional coins in circulation, base metal coins, silver and gold coins (1992 – 2000).

ITÁLIA

- Banca D'Italia, *Supplementi al Bollettino Statistico – Indicatori monetari e finanziari – Sistema dei pagamenti. Anno XII, Numero 56 – 28 Ottobre 2002. Tav. 2: Circolazione della moneta metallica (1998 – 2001); Tav. 3: Circolazione del biglietti di banca (1999 – 2001)*.
- Banca D'Italia, *Annual Report - 1997* (1998, 1999, 2000 e 2001). Retail payment instruments and services.

GRÉCIA

- Bank of Greece, *Annual Report - 1998* (1999, 2000 e 2001). The Greek Economy: developments and prospects.
- Bank of Greece, *Monthly Bulletin, Dec. 2000: Money and Banking, money stock, banknotes in circulation (1997 – 2000)*.
- Moeda metálica em circulação por espécie, a 31 de Dezembro de 2000: informação da direcção do Tesouro grego, de 9 de Maio de 2003.

BANCO CENTRAL EUROPEU

– Relatório Anual - 2000 (2001). A transição para o Euro fiduciário. Glossário.

2. Circulação monetária na área do euro em 2002

BANCO DE PORTUGAL, Departamento de Emissão e Tesouraria – Estatísticas da Circulação de Notas e Moedas Euro na Área do Euro - Dezembro de 2002. Informação de 13 de Março de 2003, em quantidade de notas e moedas emitidas por cada um dos Estados-membros, conforme o CIS (Currency Information System) do Banco Central Europeu.

BANCOS CENTRAIS NACIONAIS – Relatórios Anuais de 2002.

BANCO CENTRAL EUROPEU – Relatório Anual de 2002

3. Características das moedas metálicas pré-Euro

ROYAL MINT, Coin Registration Office, 1996 – 1998: technical specifications by country and denomination.

4. Preparação para o lançamento do Euro

MINT DIRECTORS, *Report on the European Single Coinage System*, Rome, 1994. Working Group of the Mint Directors for the technical study of the European single coinage system: cap. 3 – quantities to be issued, general principles of calculation.

5. População e PIB

THE WORLD BANK, *World Developments Indicators - 2004*, Washington, USA, Março 2004. Dados estatísticos consolidados de 2000 e 2002 recolhidos junto dos bancos centrais nacionais.

